



natal

festa de contar histórias

INSTITUTO BRAUDEL
— ASSOCIADO À FIAAP —

A think tank, and a do tank

Coordenadora editorial: Catalina Pagés

Assistentes editoriais: Catharine Shon, Débora Nascimento e Maria Eduarda Gomes

Revisão: Beatris Gross

Colaboração: Sandra Bensadon

Capa e projeto gráfico: Jakson Alves

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Natal : festa de contar histórias/ organização
Catalina Pagés. -- São Paulo, SP : Instituto
Braudel, 2022.

Vários autores.

ISBN 978-85-62780-05-9

1. Contos - Coletâneas 2. Natal I. Pagés,
Catalina.

22-114019

CDD-808.83

Índices para catálogo sistemático:

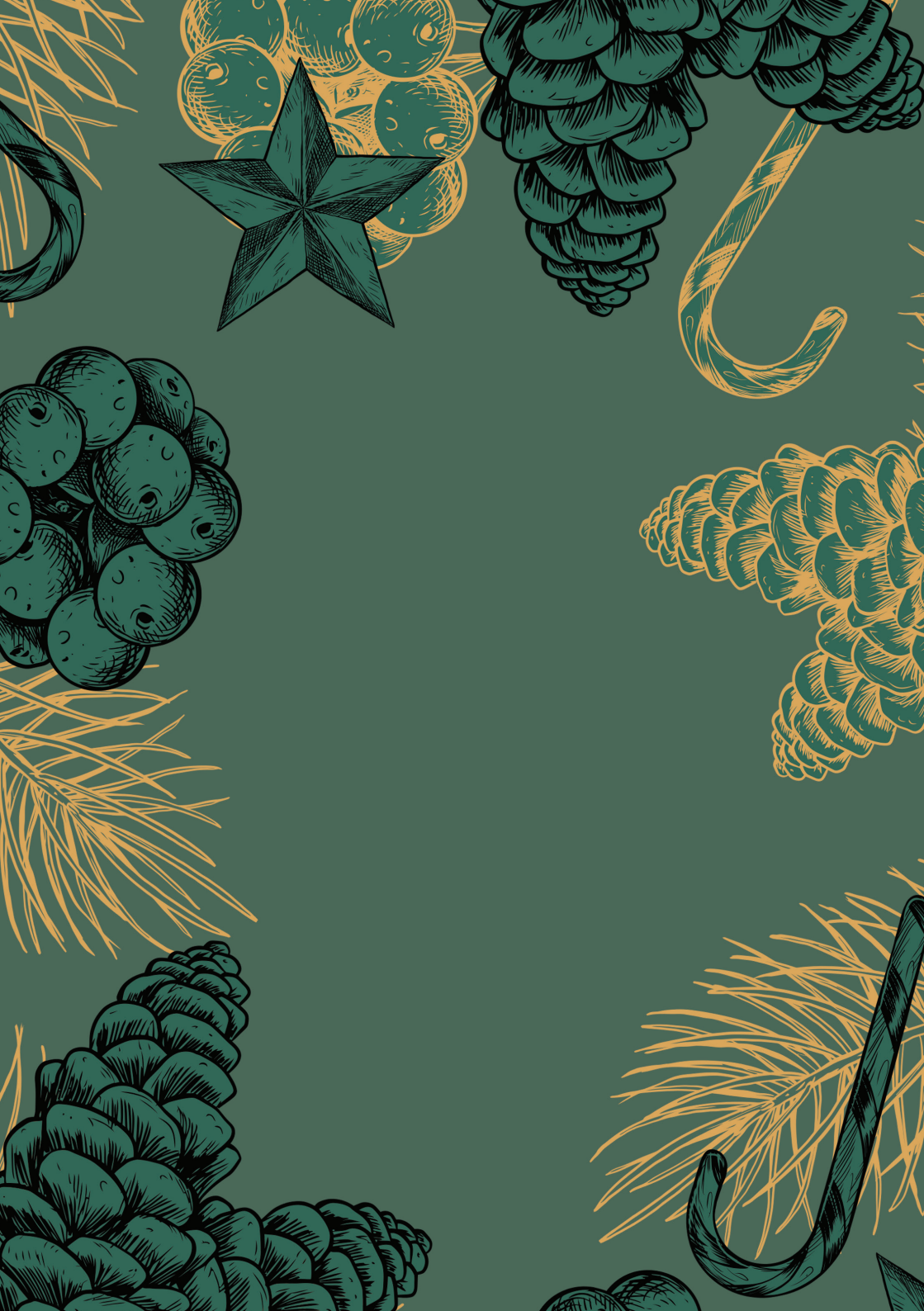
1. Contos : Coletâneas : Literatura 808.83

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Assim fala o mito, que é apenas o vestuário do mistério. Mas o traje domingueiro do mistério é a festa, a festa periódica que lança uma ponte sobre o tempo e torna o passado e o futuro concretos para o sentido do povo. Não é, pois, de admirar que no dia da festa a humanidade fermente e proceda com desenfreada desenvoltura. Nela, morte e vida se encontram e se reconhecem. Festa de contar histórias, é o traje festivo do mistério da vida. O mito evoca a eternidade na mente do povo para que ele possa ser revivido no tempo atual.

Thomas Mann¹

¹ MANN, Thomas. *José e seus irmãos*. Trad. Agenor Soares de Moura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.



Índice

Introdução	6
Memória de Natal: Truman Capote	12
Um Natal: Truman Capote	26
O Jarro de Prata: Truman Capote	38
Cartas	56
As histórias de Natal sempre se repetem	78
Para onde nos levam essas histórias?	82
Cartas a um jovem poeta: Rainer Maria Rilke	84
Bibliografías	90



Introdução

Reunimos neste volume os contos “Memória de Natal”, “Um Natal” e “O Jarro de Prata”, de Truman Capote, em conjunto com alguns textos e cartas inspiradas na leitura destas obras.

Os dois primeiros contos mostram o quanto os momentos vividos com Sookie foram fundamentais para o desenvolvimento de Buddy. Sookie era uma senhora muito sensível, próxima da natureza, e Buddy uma criança que cresceu sob os cuidados dela devido à separação dos pais. O conto “Memória de Natal” mostra como eles juntavam dinheiro durante o ano inteiro e realizavam preparativos para que, próximo ao Natal, pudessem fazer bolos de fruta para compartilhar com pessoas que só conheciam de vista pela cidade. Essa vivência com Sookie prepara Buddy para o que ele viverá no conto “Um Natal” e o ajuda a atravessar a decepção de que Papai Noel não existe, passando a acreditar nele de um novo jeito, numa dimensão mais profunda e mais arraigada na esperança.

Quando Buddy atravessa o choque dessa descoberta ao se deparar com a realidade no conto “Um Natal”, o que prevalece é o que vivera com Sookie nos Natais anteriores, porque aquelas experiências eram verdadeiras, intensas e sinceras.

O problema é resolvido na fala de Sookie, que ouve com atenção o menino contar ter descoberto a inexistência de Papai Noel na casa do pai e, com muita serenidade, responde: “Claro que o Papai Noel existe! Só que uma única pessoa não poderia fazer tudo o que ele tem para fazer. Então, o Senhor dividiu a tarefa entre todos nós. Por isso é que todo mundo pode ser Papai Noel. Eu posso. Você pode. Até o seu

primo Billy Bob pode ser (...).”

Buddy conta que a última coisa que ouviu, depois dessa conversa com Sookie, foi a voz serena do Senhor dizendo-lhe algo que precisava fazer. No dia seguinte, foi até uma loja e comprou um cartão-postal para enviar ao pai. Nele escreveu: “Olá Papai, espero que você esteja bem, eu estou, e estou aprendendo a pedalar o meu avião tão rápido que logo vou estar no céu, por isso fique de olho aberto, e sim, eu te amo, Buddy”. O pai de Buddy nos é apresentado como um homem aparentemente muito materialista, mas durante toda sua vida guardou esse cartão com muito carinho. Após sua morte, esse mesmo cartão foi encontrado em seu cofre, como o mais valioso tesouro.

Recebemos uma carta muito bonita de Antonio de Moura Castro, um amigo dos Círculos de Leitura, comentando a força desse sentimento:

“Prezada Catalina.

Que conto mais emocionante que me mandou. Pude sentir o gosto do bolo de frutas na minha boca, o carrinho de bebê que se transforma num meio de transporte das coisas mais preciosas da vida, desse encantamento infantil e magnânimo para as coisas que podemos tornar belas.

É quando falo que aprendi a contemplar um pé de couve e me sentir feliz.

Senti ‘os estalos de trovão em miniatura’ ao se quebrar a casca das nozes.

O valor da cozinha e o frio lá fora. Amigos únicos que nem a distância e nem a morte puderam separá-los.

Os parentes chatos, o índio Haha com sua mulher de ‘pele escura feito iodo’, o amolador de facas, o presidente Roosevelt, o motorista do ônibus e seu ‘turbilhão de poeira’, todos próximos mas distantes ‘ficam para além da cozinha com sua vista para o céu que nos detém’. Uma amizade que se completa.

Os desejos e anseios dos dois. O caminho até o encontro da árvore de azevinhos de folhas espinhentas.

‘Framboesas que rebrilham como sinetas de porcelana’ ou ‘o sol, re-



dondo feito uma laranja e laranja feito uma lua de verão' trazem o meu olhar para um universo real como se eu estivesse naquele lugar, naquele momento. Consigo enxergar!

Resta saber qual era o nome dela.

Temos o narrador Buddy, a terrier branca e laranja Queenie e ela que é a melhor amiga do Buddy. Apenas isso já basta. A melhor amiga cujo nome não importa...

Lindo demais. Muito obrigado!"

O último conto de nosso conjunto é “O Jarro de Prata”. Os nomes das personagens (Hamurabi, Appleseed e Sr. Marshall) nos remetem a um outro tempo e nos convidam a refletir sobre camadas mais profundas da história. O episódio que aconteceu naquela pequena cidade se transformou em uma lenda que é contada todos os anos durante o Natal. O menino Appleseed acreditava que era uma criança especial e se esforçou muito para conseguir o prêmio de Natal da loja do Sr. Marshall. Dessa forma, mobilizou todas as pessoas ao seu redor, mostrando – como escreveu Dostoiévski – que é a fé que faz o milagre acontecer.

Esse conto despertou em nós a necessidade de continuar conversando sobre esses temas por meio das cartas, assim como o Sr. Marshall seguiu narrando aquela história por anos na época do Natal. As cartas dão testemunho da força da narrativa de Capote e revelam o envolvimento que essas lendas provocam em nós. São os encontros com essas histórias que formam a base para que as pessoas cresçam acreditando no mundo e construindo uma sociedade engajada com o bem comum, fundada na solidariedade e no valor do convívio humano.

Este espírito de esperança e solidariedade aparece ainda mais nítido no terceiro conto desta série. A história em “O Jarro de Prata” traz muitas reflexões, mas a que mais nos chama a atenção ocorre em muitos Natais. É comum uma criança acreditar no Papai Noel durante certo tempo. Mesmo que os pais não acreditem, elas sustentam essa imaginação e algumas crianças até seguem escrevendo cartas pedindo presentes. Quando chega o Natal, um presente é esperado pela criança. Se o Papai Noel não existe, porém, como a criança vai receber seu presente? E como dizer a uma criança que o Papai Noel não existe?

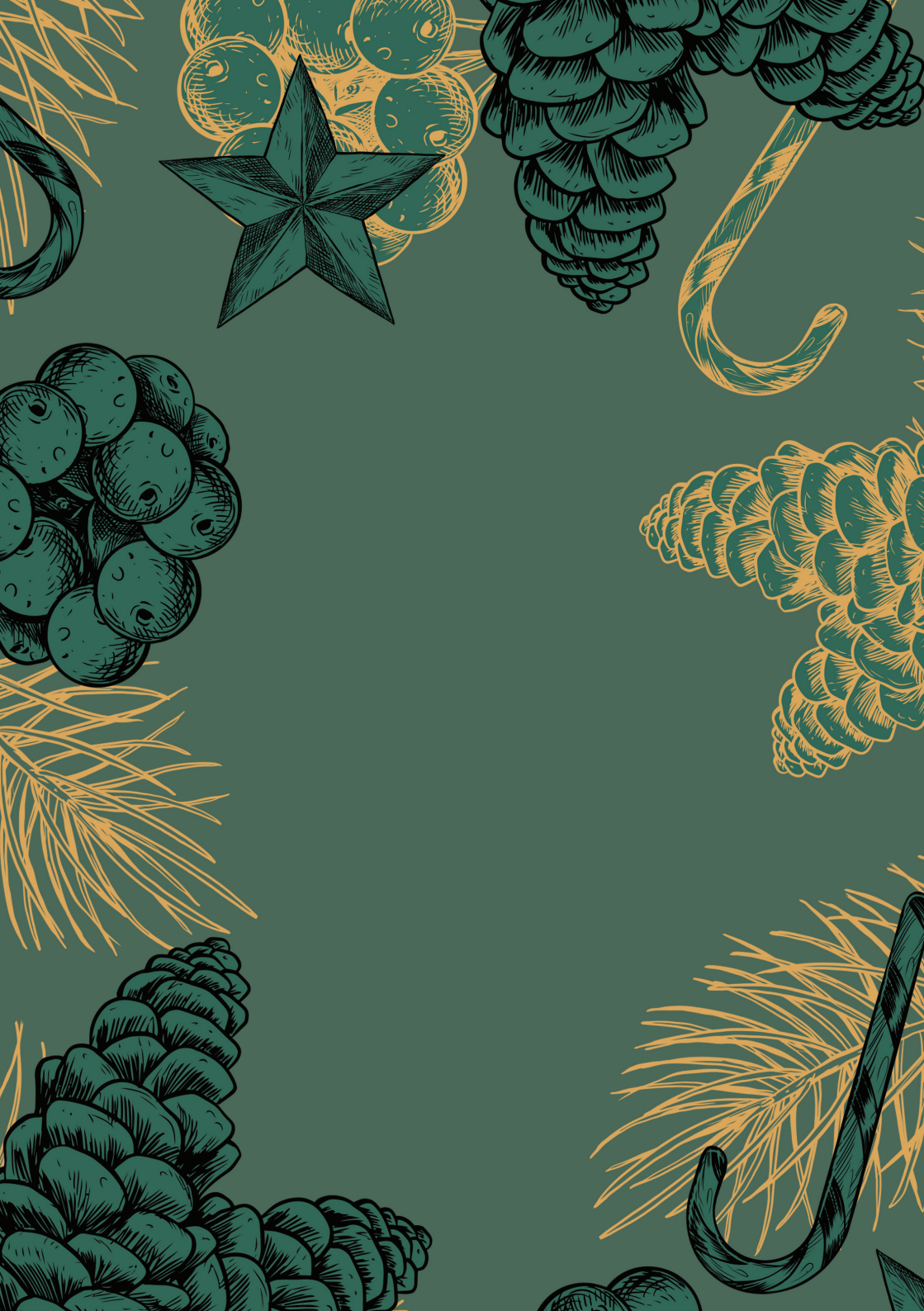


Como dizer que uma criança não nasceu empelicada? Que não é possível contar moedas em um pote? E ainda, que não foi um feitiço de uma bruxa que deixou a mãe pesando 34 quilos e sim a falta de comida?

Assim como no conto, os sonhos de uma criança podem dar certo porque alguém assume o personagem de Papai Noel. Personalidades como a de Hamurabi são comuns, porque o medo de decepcionar a criança é muito grande. Ainda que o resultado do sorteio tenha sido modificado pelo Sr. Marshall, o pequeno menino se mostrou inocente e bondoso com o que faria com o dinheiro: ajudaria a consertar os dentes de sua irmã para que ela se tornasse uma modelo. Eis a magia do Natal superando os interesses comerciais.

Foi este caminho que nos levou até o poeta Rainer Maria Rilke, que tem um de seus textos incluso no epílogo. Na sexta carta da obra *Cartas a um Jovem Poeta*, ele insiste na importância de resgatar, com as ações em conjunto, a esperança no mundo pelo Natal. A publicação do editorial do *The Sun* e a carta de Catalina “Escrever sobre algo precioso”, somadas à carta de Rilke, destacam a importância dessas ações.

Desejamos que essas leituras inspirem e espalhem o espírito natalino entre todos alunos, professores, amigos e demais leitores que frequentem este livro.





*Memória de
Natal*

Truman Capote

Imagine certa manhã em fins de novembro. Certa manhã num começo de inverno há mais de vinte anos. Tenha em mente a cozinha de uma velha casa espaçosa numa cidade de interior. A peça principal é um belo fogão preto; mas também há uma grande mesa redonda e uma lareira com duas cadeiras de balanço em frente. Hoje mesmo a lareira deu início ao seu rugido sazonal.

Uma mulher de cabelos brancos e tosados está postada diante da janela da cozinha. Usa um par de tênis e um suéter cinza disforme sobre um vestido leve de chita. É baixinha e vivaz como uma galinha garnisé; mas, por conta de uma longa doença na juventude, tem os ombros lamentavelmente arqueados. O rosto é notável – lembra o de Lincoln, marcado como o dele e tingido pelo sol e pelo vento; mas também é delicado, bem desenhado, e os olhos são tímidos e cor de xerez. “Ah”, exclama, o hálito embaçando a vidraça, “é tempo de bolo de frutas!”

Está falando comigo. Tenho sete anos; ela tem sessenta e tantos. Somos primos bem distantes e vivemos juntos – pelo menos, desde quando me lembro. Outras pessoas, nossos parentes, moram na casa; e, muito embora tenham poder sobre nós e volta e meia nos façam chorar, em geral não lhes damos muita atenção. Somos o melhor amigo um do outro. Ela me chama de Buddy, em consideração a um menino que foi seu melhor amigo em outros tempos. O outro Buddy morreu lá pela década de 1880, quando ela ainda era uma criança. Ela ainda é uma criança.

“Eu sabia antes de levantar”, ela diz, dando as costas à janela com um alvoroço decidido nos olhos. “O sino da prefeitura soou tão frio e claro. E não havia nenhum passarinho cantando; já foram para algum lugar mais

quente, foram, sim. Ah, Buddy, pare de se empanturrar de biscoitos e vá buscar a carreta. Veja se encontra o meu chapéu. Temos de assar trinta bolos.”

É sempre a mesma história: chega uma certa manhã de novembro, e minha amiga, como se inaugurasse oficialmente a temporada de Natal, que lhe anima a fantasia e aquece o coração, anuncia: “É tempo de bolo de frutas! Vá buscar a carreta! Veja se encontra o meu chapéu”.

O chapéu é encontrado, um chapéu redondo de palha, enfeitado com rosas de veludo desbotadas; já pertenceu a uma parenta mais elegante. Juntos, conduzimos nossa carreta, um carrinho de bebê caindo aos pedaços, para o jardim e para um arvoredado de nogueiras-pecãs. A carreta é minha, quer dizer, foi comprada para mim quando nasci. É feita de vime, está um tanto surrada, e as rodas cambaleiam como as pernas de um bêbado. Mas é um objeto leal; na primavera, nós a levamos aos bosques e a enchemos de flores, arbustos e samambaias selvagens para os vasos da varanda; no verão, a entulhamos com a parafernália de piquenique e as varas de cana e descemos até a beira de um riacho; ela também tem serventia no inverno: como caçamba para carrear lenha do quintal para a cozinha, como cama quente para Queenie, a corajosa terrier branca e laranja que caça ratos e sobreviveu ao mau humor alheio e a duas mordidas de cascavel. Neste momento, Queenie vem trotando ao lado dela.

Três horas depois, estamos de volta à cozinha, descascando um vultoso carregamento de pecãs derrubadas pelo vento. Nossas costas doem de tanto nos agacharmos para catá-las: foi difícil encontrá-las (o grosso da safra tinha sido chacoalhado das árvores e vendido pelos donos do pomar, que não somos nós), escondidas no meio das folhas, da grama enregelada e traiçoeira. Craaaque! Um rangido jovial, estalos de trovão em miniatura ressoam quando as cascas se rompem, e vai crescendo o montinho de polpa doce, oleosa e esbranquiçada na tigela opalina. Queenie quer provar, e de tanto em tanto minha amiga surrupia um pedacinho, sempre comentando a falta que esse pouco vai fazer. “Não pode, Buddy. Se a gente começar, não para mais. E o que tem mal dá para o começo. São trinta bolos.” A cozinha começa a escurecer. A penumbra transforma a janela em espelho: nossos reflexos se misturam à lua nascente, enquanto trabalhamos à luz da lareira. Por fim, quando a lua já vai alta, jogamos no

fogo a última casca e suspiramos ao vê-la queimar. A carreta está vazia, a tigela está cheia até a borda.

Jantamos (biscoitos, bacon, geleia de amora-preta) e falamos do dia seguinte. Começa nesse dia o trabalho de que mais gosto: as compras. Cerejas e cidras, gengibre, baunilha e abacaxi em lata, frutas caramelizadas, uvas-passas, nozes e uísque e, ah, tanta farinha e manteiga, tantos ovos, especiarias, essências; desse jeito, vamos precisar de um pônei para puxar a carreta.

Mas, antes que as compras possam ser feitas, há a questão do dinheiro. Nós dois não temos nenhum. Exceto pelas ninharias sovinas que as pessoas da casa nos dão (dez centavos são considerados um dinheirão); ou pelo que nós mesmos arrecadamos em várias atividades: montando um bazar de velharias, vendendo baldes de amoras-pretas catadas uma a uma, potes de geleia caseira, gelatina de maçã e compota de pêssego, colhendo flores para funerais e casamentos. Uma vez, ficamos com o septuagésimo nono prêmio, cinco dólares, de um concurso nacional de futebol. Não entendemos nada de futebol. É que simplesmente entramos em todo concurso de que ouvimos falar: no momento, nossas esperanças recaem no grande prêmio de cinquenta mil dólares oferecido a quem der o melhor nome a uma nova marca de café (sugerimos “AM”, e, depois de alguma hesitação, pois minha amiga pensou que talvez isso fosse sacrílego, acrescentamos o slogan “AM! Amém!”). Para dizer a verdade, nosso único empreendimento realmente lucrativo foi o Museu de Monstros e Milagres, que montamos num telheiro do quintal, dois verões atrás. Os Milagres eram um estereoscópico com cromos de panoramas de Washington e de Nova York, cedidos por uma parenta que estivera nesses lugares (ela ficou furiosa ao descobrir por que tínhamos pedido os cromos emprestados); os Monstros se resumiam a um pintinho de três patas, chocado por uma de nossas galinhas. Todo mundo nas redondezas queria ver o pintinho: cobrávamos cinco centavos dos adultos e dois das crianças. E embolsamos uns bons vinte dólares antes que o museu fechasse em virtude do falecimento de sua atração principal.

Mas, de um modo ou de outro, todo ano fazemos nossas economias de Natal, nosso Fundo Bolo de Frutas. Mantemos esse dinheiro escondido numa velha bolsa de contas guardada embaixo de uma tábuia solta do piso, embaixo do penico que fica embaixo da cama da minha amiga. A

bolsa raramente é removida desse lugar seguro, exceto quando fazemos um depósito ou, como acontece todo sábado, um saque; pois aos sábados tenho direito a dez centavos para ir ao cinema. Minha amiga nunca foi ao cinema, nem pretende: “Prefiro ouvir você contar a história, Buddy. Assim posso imaginar mais. Além disso, uma pessoa da minha idade precisa economizar a vista. Quando o Senhor chegar, quero ver tudo direitinho”. Além de jamais ter visto um filme, ela jamais: comeu num restaurante, viajou além de oito quilômetros da casa, recebeu ou enviou um telegrama, leu nada diferente dos quadrinhos ou da Bíblia, usou maquiagem, praguejou, desejou mal a ninguém, mentiu de caso pensado, deixou um cão faminto continuar com fome. E aqui vão algumas coisas que ela fez e faz: matou com uma enxada a maior cascavel (com dezesseis guizos) que já se viu no condado, cheira rapé (em segredo), domestica beija-flores (tente fazer isso) até que venham pousar num dedo, conta histórias de fantasmas (nós dois acreditamos em fantasmas) de dar calafrios no meio do verão, fala sozinha, passeia na chuva, cultiva as camélias mais bonitas das redondezas, sabe a receita de todo tipo de antigas poções indígenas, até mesmo a de um mágico removedor de verrugas.

Agora, terminado o jantar, vamos nos retirar para o quarto, que fica bem nos fundos da casa; é lá que minha amiga dorme, numa cama de metal pintada de rosa, que é sua cor preferida, e coberta por uma colcha de retalhos. Silenciosamente, mergulhados nos prazeres da conspiração, tiramos a bolsa de contas do esconderijo e espalha mos o conteúdo dela sobre a colcha de retalhos. Notas de um dólar, bem enroladas e verdes como brotos de primavera. Moedas sombrias de cinquenta centavos, pesadas o bastante para fechar os olhos de um morto. Lindas moedas de dez, as mais alegres, as únicas que tilintam de verdade. Moedas de cinco e de vinte e cinco, lisas como pedras de córrego. Mas, na maior parte, um monte odioso de centavos azedos. No verão passado, as demais pessoas da casa nos ofereceram um centavo a cada vinte e cinco moscas mortas. Ah, a matança de agosto: as moscas que subiram aos céus! Mas não foi um trabalho que nos desse orgulho. E agora, contando os centavos, é como se novamente contabilizássemos moscas mortas. Nenhum de nós é bom de números; contamos devagar, nos perdemos, recomeçamos. Segundo os cálculos dela, temos doze dólares e setenta e três centavos; segundo os

meus, exatamente treze dólares. “Espero que você esteja errado, Buddy. Não se brinca com o número 13. Os bolos vão murchar. Ou alguém vai parar no cemitério. Meu Deus, por nada deste mundo eu sairia da cama num dia 13.” É verdade: ela sempre passa o dia 13 na cama. Assim, por via das dúvidas, subtraímos um centavo e o jogamos pela janela.

Dos ingredientes para o bolo de frutas, o uísque é o mais caro e também o mais difícil de conseguir: as leis estaduais proíbem sua venda. Mas todo mundo sabe que se pode comprar uma garrafa do sr. Haha Jones. E, no dia seguinte, tendo concluído nossas compras mais prosaicas, seguimos para o endereço comercial do sr. Haha, um café “pecaminoso” (para citar a opinião pública), onde se dança e se come peixe frito, perto do rio. Já estivemos lá, e na mesma missão; mas, nos anos anteriores, fizemos negócio com a mulher de Haha, uma índia de pele escura feito iodo, cabelos descaradamente oxigenados e aparência exausta. Na verdade, jamais vimos o marido, mas ouvimos dizer que é índio também. Um gigante com cicatrizes de navalha no rosto. É chamado de Haha por ser um homem solitário, que nunca ri. À medida que nos aproximamos do café (uma grande cabana de troncos, enfeitada por dentro e por fora com grinaldas feitas de lâmpadas berrantes, junto à margem enlameada do rio, à sombra de árvores carregadas de um musgo que toma conta dos galhos como uma neblina escura), nossos passos se tornam mais lentos. Até mesmo Queenie para de saracotear e segue ao nosso lado. Houve gente que morreu no café de Haha. Cortada em pedaços. Um golpe na cabeça. Há um caso que vai para o tribunal na semana que vem. É claro que esses acontecimentos se dão à noite, quando as luzes coloridas projetam sombras fantasiosas e a vitrola geme. Durante o dia, o café de Haha parece desanimado e deserto. Bato na porta, Queenie late, minha amiga chama: “Dona Haha? Senhora? Tem alguém em casa?”

Passos. A porta se abre. Nossos corações se viram pelo avesso. É o sr. Haha Jones em pessoa! E ele é um gigante; tem cicatrizes, e não ri. Não, ele nos encara com olhos satanicamente revirados e exige saber: “O que vocês querem com Haha?”

Por um instante, ficamos paralisados demais para responder. Mas logo minha amiga meio que recobra a voz, ao menos uma voz sussurrante: “Por favor, sr. Haha, gostaríamos de comprar um litro do seu melhor uísque”.

Os olhos do índio reviram ainda mais. Quem diria? Haha está sorrindo! Rindo mesmo. “E qual de vocês é o bebum?”

“É para fazer bolo de frutas, sr. Haha. É para cozinhar.”

Ele volta a ficar sério. Franze a testa. “Isso não é jeito de gastar uísque bom.” Mesmo assim, recua para o café sombrio e, segundos mais tarde, reaparece com uma garrafa de bebida sem rótulo, amarelo-margarida. Exibe o brilho à luz do sol e diz: “Dois dólares”.

Pagamos com moedas de cinco, de dez e de um. De repente, quando o índio chacoalha as moedas na mão como um par de dados, seu rosto se descontrai. “Vamos fazer o seguinte”, propõe, colocando o dinheiro de volta na bolsa de contas, “em vez de pagar com dinheiro, mandem um desses bolos para mim.”

“Bem”, minha amiga comenta no caminho de volta, “eis um sujeito amável. Vamos pôr uma xícara de passas a mais no bolo dele.” O fogão preto, repleto de carvão e lenha, brilha como uma abóbora iluminada. Os batedores de ovos rodopiam, as colheres giram em vasilhas com manteiga e açúcar, a baunilha adoça, o gengibre tempera o ar; cheiros que se desmancham e pinicam o nariz, saturando a cozinha, inundando a casa, saindo para o mundo com as baforadas da chaminé. Em quatro dias o trabalho está feito. Trinta e um bolos, umedecidos com uísque, descansam nas janelas e nas prateleiras.

Mas para quem?

Para amigos. Não necessariamente para amigos próximos; na verdade, a maior parte foi feita para pessoas que talvez tenhamos visto uma vez, quando muito. Pessoas que caem nas nossas graças. Como o presidente Roosevelt. Como o reverendo e a sra. J. C. Lucey, missionários batistas em Bornéu que vieram dar palestras aqui no inverno passado. Ou o amador de facas, que visita a cidade duas vezes por ano. Ou Abner Packer, o motorista do ônibus que chega às seis de Mobile, o qual troca acenos conosco todo dia ao passar num turbilhão de poeira. Ou como os Wiston, um casal de jovens da Califórnia cujo carro, uma tarde, quebrou em frente à nossa casa, e que passaram uma hora agradável conversando conosco na varanda (o jovem sr. Wiston bateu uma foto nossa, a única que temos). Será que é porque minha amiga é tímida com todo mundo, exceto com estranhos, que todos esses estranhos e conhecidos casuais parecem ser

nossos melhores amigos? Acho que sim. Além disso, nossos álbuns com papel timbrado da Casa Branca, mensagens esparsas da Califórnia e de Bornéu, e cartões-postais baratos do amolador de facas fazem-nos sentir conectados a mundos cheios de acontecimentos, que ficam para além da cozinha com sua vista para um céu que nos detém.

Mas agora, em dezembro, um galho pelado de figueira arranha a vidraça. A cozinha está vazia, os bolos se foram; ontem carreamos os últimos até a agência do correio, onde o preço dos selos esvazia nossos bolsos. Estamos falidos. Eu me entristeço, mas minha amiga insiste em festejar – com dois dedos de uísque no fundo da garrafa de Haha. Queenie ganha uma colherada numa vasilha de café (ela gosta de café forte e com sabor de chicória). O resto dividimos em dois potes de geleia. Ficamos temerosos diante da perspectiva de beber uísque puro, cujo gosto provoca expressões contorcidas e arrepios de amargor. Mas aos poucos começamos a cantar, ao mesmo tempo, cada qual uma canção. Não sei a letra da minha, só sei: “Come on along, come on along, to the dark-town strutters’ ball”¹. Mas sei dançar, e é isto que finjo ser: um sapateador de cinema. Minha sombra dançante evolui nas paredes; nossas vozes fazem tremer a porcelana; rimos como se mãos invisíveis nos fizessem cócegas. Queenie rola pelo chão, suas patas escavam o ar, algo parecido com um sorriso estica seus lábios negros. Quanto a mim, sinto-me tão quente e faiscante quanto a lenha que desmorona na lareira, tão livre quanto o vento na chaminé. Minha amiga valsa ao redor do fogão, com a barra da pobre saia de chita presa entre os dedos como se fosse um vestido de festa: “Show me the way to go home”², ela canta, os tênis guinchando no assoalho. “Show me the way to go home.”³

Entram dois parentes. Muito bravos. Poderosos, com olhos que recriam e línguas que ralham. Ouvimos o que têm a dizer, as palavras martelam uma canção colérica: “Uma criança de sete anos fedendo a uísque! Onde você está com a cabeça? Uma criança de sete anos! Ficou maluca? Começa assim a desgraça! Lembra da prima Kate? Do tio Charlie? Do cunhado do tio Charlie? Uma vergonha, um escândalo, uma humilhação!

1 *Venha comigo, venha comigo para o baile dos bacanas.* (N. T.)

2 *“Me leve de volta pra casa.”* (N. T.)

3 *Trechos de duas canções famosas na época: “Dark-town strutters’ ball”, de 1917, e “the way to go home”, de 1922.* (N. T.)

De joelhos, reze, vamos, reze ao Senhor!”

Queenie se esgueira para debaixo do fogão. Minha amiga fixa os olhos nos sapatos, o queixo estremece, ela levanta a saia e assoa o nariz, depois corre para o quarto. A cidade já foi dormir há muito tempo, e a casa está em silêncio, exceto pelo badalar dos relógios e pelos estalos do fogo moribundo, mas ela continua chorando num travesseiro úmido feito um lenço de viúva.

“Não chore”, digo, sentado ao pé da cama e tremendo de frio apesar do pijama de flanela, que guarda, desde o inverno passado o cheiro do xarope para tosse, “não chore”, peço, brincando com os pés dela, fazendo cócegas nos dedos, “você é velha demais para isso”.

“É que eu sou”, ela soluça, “eu sou velha demais. Velha e esquisita.”

“Esquisita, não. Engraçada. Mais que todo mundo. Escute. Se não parar de chorar, estará tão cansada amanhã que não vai dar para a gente cortar a árvore.”

Ela se apruma. Queenie pula para cima da cama (onde não é admitida) para lambe as bochechas da minha amiga. “Sei onde encontrar umas bem bonitas, Buddy. E são azevinhos. Com frutas do tamanho dos seus olhos. Ficam bem no meio do bosque. Mais longe do que você já foi. Papai nos trazia árvores de lá, ele as carregava no ombro. Isso já faz cinquenta anos. Bem, eu mal posso esperar por amanhã.”

De manhã. O orvalho congelado faz a relva brilhar; o sol, redondo feito uma laranja e laranja feito uma lua de verão, suspenso no horizonte, lustra os bosques prateados pelo inverno. Um peru selvagem gruguleja. Um porco desgarrado grunhe no meio do matagal. Logo chegamos à margem de cursos de água mais fundos e velozes, onde precisamos abandonar a carreta. Queenie é a primeira a vadear os riachos, nadando e latindo contra a rapidez da correnteza, num frio de pegar pneumonia. Nós a seguimos, erguendo os sapatos e o equipamento (uma machadinha, um saco de aniagem) acima da cabeça. Mais um quilômetro e meio de espinhos que nos castigam, ouriços e sarças que se agarram em nossas roupas, folhas de pinheiro pontudas e cor de ferrugem, fungos coloridos e penas soltas. Aqui e ali, um relance, um alvoroço, nos lembra que nem todos os pássaros voaram para o sul. O caminho se desenrola entre poças amarelo-limão de sol e túneis escuros de trepadeiras. Outro córrego a

cruzar: uma armada irrequieta de trutas pintadas remexe a água ao redor, e sapos do tamanho de um prato treinam mergulhos de barriga; castores trabalhadores constroem um dique. Na outra margem, Queenie se sacode e estremece. Minha amiga está tremendo também, não de frio, mas de entusiasmo. De uma das rosas esfarrapadas do chapéu cai uma pétala quando ela levanta a cabeça e aspira o ar tomado pelo cheiro dos pinheiros. “Estamos quase lá, dá para sentir o cheiro, não dá, Buddy?”, ela diz, como se nos aproximássemos do oceano.

E, de fato, é uma espécie de oceano. Acres aromáticos de árvores de Natal, azevinhos de folhas espinhentas. Framboesas rebrilham como sinetas de porcelana, corvos negros se precipitam aos berros sobre elas. Tendo enchido nossos sacos de aniagem com galhos e frutas para enfeitar uma dúzia de janelas, passamos a escolher uma árvore. “Ela deve ter”, minha amiga pondera, “o dobro da altura de um menino. Para menino nenhum roubar a estrela.” Escolhemos uma com o dobro da minha altura. Um belo e bravo brutamontes que resiste a trinta golpes de machadinha antes de vergar e quebrar com um estalo. Arrastando-a como a uma presa, começamos a longa jornada de volta. A cada tantos metros abandonamos a luta, sentamos e ofegamos. Mas temos a força de caçadores triunfantes; isso e o perfume gélido e viril da árvore nos reavivam e nos tocam para a frente. Muitos cumprimentos acompanham nosso retorno crepuscular pela estrada de terra roxa, rumo à cidade; mas minha amiga é escorregadia e evasiva quando os transeuntes elogiam o tesouro empoleirado na nossa carreta: que bela árvore, de onde veio? “Daqueles lados”, ela murmura vagamente. A certa altura, um carro para, e a mulher rica e preguiçosa do dono da usina se inclina para fora e diz: “Dou vinte e cinco por essa árvore aí”. Em geral, minha amiga tem medo de dizer não; mas dessa vez sacode de pronto a cabeça: “Nem por um dólar”. A mulher do dono da usina insiste. “Um dólar, nem pensar! Cinquenta centavos. Última oferta. Que é isso, mulher, você consegue outra.” Em resposta, minha amiga alegra gentilmente: “Duvido. Não há duas coisas iguais neste mundo”.

Em casa: Queenie desaba junto ao fogo e dorme até o dia seguinte, roncando alto feito um homem.

Um baú no sótão contém: uma caixa de sapatos com estolas de armi-
nho (da pelerine usada em noites de ópera por uma senhora esquisita

que uma vez alugou um quarto na casa), emaranhados de lantejoulas cor-roidas e amareladas pelo tempo, uma estrela prateada, uma feira curta de lâmpadas com aspecto de doces, desencapada e certamente perigosa. Decorações excelentes, na medida do possível, o que não é muita coisa: minha amiga quer que a árvore resplandeça “que nem uma janela de família batista”, arriando sob a neve ornamental. Mas não temos dinheiro para os esplendores made in Japan da loja de artigos populares. De modo que fazemos o que sempre fizemos: sentamos por dias e dias à mesa da cozinha com tesouras e lápis e resmas de papel colorido. Desenho os moldes, e minha amiga corta: montes de gatos e também de peixes (são fáceis de desenhar), algumas maçãs, algumas melancias, uns poucos anjos alados, feitos do papel-alumínio que protege as barras de chocolate Hershey. Usamos alfinetes de segurança para prender essas criações à árvore; como toque final, salpicamos os galhos de algodão desfiado (colhido em agosto com esse propósito). Minha amiga, examinando o efeito, aperta as mãos, com os dedos entrelaçados. “Diga a verdade, Buddy. Não dá até vontade de comer?” Queenie tenta comer um anjo.

Depois de trançarmos e decorarmos guirlandas para todas as janelas, nosso próximo projeto é preparar os presentes para a família. Lenços tingidos para as mulheres; para os homens, um xarope caseiro de limão, alcaçuz e aspirina, a ser tomado “aos primeiros sintomas de resfriado ou após uma caçada”. Mas, quando chega a hora de prepararmos nossos próprios presentes, minha amiga e eu nos separamos para trabalhar em segredo. Eu gostaria de comprar para ela uma faca de cabo perolado, um rádio, meio quilo de cerejas cobertas de chocolate (certa vez, provamos algumas, e desde então ela jura: “Eu poderia viver só disso, Buddy, meu Deus, como eu poderia – e isso não é usar o nome Dele em vão”). Em vez disso, estou fazendo uma pipa. Ela gostaria de me dar uma bicicleta (já disse em milhares de ocasiões: “Se ao menos eu pudesse, Buddy. Já é ruim ter de viver sem alguma coisa que a gente quer; mas, arre, o que me tira do sério é não poder dar a alguém uma coisa que a gente quer que o outro tenha. Mas um dia desses eu consigo, Buddy. Vou arranjar uma bicicleta para você. Não me pergunte como. Roubando, quem sabe”). Em vez disso, tenho quase certeza de que ela está fazendo uma pipa para mim – como no ano passado e no retrasado: antes disso, trocamos estilingues. O que

para mim está muito bom. Somos mestres da pipa, estudamos o vento feito marinheiros; minha amiga, mais experiente que eu, consegue levantar uma pipa quando a brisa mal remexe as nuvens.

Na véspera de Natal, juntamos cinco centavos e vamos ao açougue comprar o presente tradicional de Queenie, um osso de boi. O osso, embrulhado em papel de presente, é posto no alto da árvore, perto da estrela prateada. Queenie sabe que está bem ali. Senta ao pé da árvore, olhando para cima num êxtase famélico: quando chega a hora de dormir, ela se recusa a arredar dali. Sua agitação só não é maior que a minha. Chuto os cobertores e viro o travesseiro como se esta fosse uma noite escaldante de verão. Em algum lugar, um galo canta, fora de hora, pois o sol ainda está do outro lado do mundo.

“Buddy, está acordado?” É minha amiga, chamando do seu quarto, contíguo ao meu; num instante, está sentada na minha cama, segurando uma vela. “Pois é, não consigo pregar o olho”, declara. “Minha cabeça fica pulando feito uma lebre. Buddy, você acha que a sra. Roosevelt vai servir nosso bolo no jantar?” Nós nos aconchegamos na cama, e ela aperta minha mão com carinho. “Sua mão já foi tão pequenina. Não acho graça em ver você crescer. Quando você for grande, ainda vamos ser amigos?” Eu digo que sempre seremos.

“Mas estou me sentindo tão mal, Buddy. Queria tanto dar uma bicicleta para você. Tentei vender o camafeu que papai me deu. Buddy”, ela hesita, “fiz outra pipa para você.” Então confesso que também fiz uma para ela; e rimos. A vela já está pequena demais para aguentar. Logo se apaga, dando lugar à luz das estrelas, às estrelas que rodopiam na janela como uma cantoria visível que a madrugada silencia devagar, devagar. Provavelmente cochilamos; mas o raiar do dia nos desperta como um banho de água fria: pulamos da cama, de olhos acesos, andando para cima e para baixo, esperando que os outros acordem. De caso pensado, minha amiga derruba uma chaleira no chão da cozinha. Eu sapateio diante das portas fechadas. Um a um, todos da casa surgem, com ar de que gostariam de nos matar; mas é Natal, não há jeito. Primeiro, um belo café-da-manhã: com tudo o que se possa imaginar, de panquecas a esquilo frito, de canjica a mel no favo. O que deixa todos de bom humor, com exceção da minha amiga e de mim. Francamente, estamos tão ansiosos pelos presentes que

não comemos nem um bocado.

Bem, acabo me desapontando. Quem não se desapontaria? Um par de meias, uma camisa para a escola dominical, alguns lenços, um suéter de segunda mão e uma assinatura anual de uma revista religiosa para crianças, O Pastorzinho. É de ferver o sangue. É mesmo.

Minha amiga tem mais sorte. Um saquinho de tangerinas japonesas é seu melhor presente. Mas ela fica orgulhosa mesmo é de um xale branco de lã, tricotado pela irmã casada. Porém, diz que prefere a pipa que eu fiz. E a pipa é bonita mesmo, mas não tão bonita quanto a que ela fez para mim, azul e pontilhada de estrelas de honra ao mérito verdes e douradas; além do mais, traz meu nome pintado em cima: “Buddy”.

“Buddy, está ventando.”

Está ventando, e não há quem nos impeça de correr até um pasto atrás da casa, para onde Queenie disparou a fim de enterrar o osso (e onde, no próximo inverno, Queenie será enterrada também). Ali, mergulhando na relva viçosa que chega à cintura, empinamos as pipas, sentimos como se contorcem no fio tal qual peixes-voadores nadando no vento. Satisfeitos, aquecidos pelo sol, nos esparramamos na relva e descascamos tangerinas, observando as piruetas das pipas.

Logo esqueço as meias e o suéter de segunda mão. Sinto-me feliz como se já tivéssemos ganhado o grande prêmio daquele concurso da marca de café.

“Meu Deus, como sou boba”, minha amiga exclama, subitamente alerta, como uma mulher que lembra tarde demais dos biscoitos no forno. “Sabe o que eu sempre pensei?”, pergunta em tom de descoberta, rindo não para mim, mas para alguma coisa mais longe. “Sempre pensei que era preciso estar doente e quase à beira da morte para ver o Senhor. E eu achava que, quando Ele viesse, seria como olhar para uma janela de batista: bonito feito um vidro colorido contra a luz, tão brilhante que nem se nota que está escurecendo. E era um consolo pensar nesse brilho tirando toda sensação medonha. Mas agora aposto que não é desse jeito. Aposto que, bem no fim, a gente descobre que o Senhor já se mostrou. Que as coisas, do jeito que são”, a mão faz um círculo, num gesto que reúne as nuvens e as pipas e a relva e Queenie jogando terra em cima do osso, “do jeito que a gente sempre viu, já eram uma visão Dele. Por mim, eu poderia partir

deste mundo com o dia de hoje nos olhos.”

É nosso último Natal juntos.

A vida nos separa. Aqueles que sabem o que é melhor decidem que o lugar certo para mim é uma escola militar. E assim começa uma sucessão miserável de prisões a toque de clarim, penosos acampamentos de verão sob o jugo da alvorada. Tenho um novo lar também. Mas esse não conta. Meu lar é onde minha amiga está, e para lá eu jamais vou.

E lá ela fica, circulando pela cozinha. Só ela e Queenie. Depois, só ela. (“Querido Buddy”, ela escreve, com a letra rebelde e difícil de ler, “ontem o cavalo do Jim Macy deu um coice feio na Queenie. Graças a Deus, ela não sofreu muito. Então a enrolei num lençol bonito e a levei na carreta até o pasto do Simpson, onde ela pode ficar com todos os ossinhos dela...”) Por mais alguns novembros minha amiga continua a assar os bolos de frutas, sozinha; já não são tantos bolos, só alguns; e é claro que ela sempre me manda “o melhor da fornada”. Além disso, em toda carta enfia uma moeda de dez centavos embrulhada em papel higiênico: “Vá ao cinema e me conte a história”. Mas aos poucos ela começa a me confundir nas cartas com seu outro amigo, o Buddy morto na década de 1880; cada vez mais, o dia 13 não é o único que ela passa na cama; chega certa manhã em novembro, certa manhã de um começo de inverno sem folhas nem pássaros, em que ela não consegue mais levantar para dizer: “Ah, é tempo de bolo de frutas!”

E eu sei muito bem quando é que isso acontece. Uma mensagem a respeito só confirma a notícia que alguma veia secreta já recebera, cortando uma parte insubstituível de mim mesmo, soltando-a feito uma pipa de fio partido. É por isso que, caminhando pelo terreno da escola nesta manhã de dezembro, vasculho o céu. Como se esperasse ver, tal qual corações, um par de pipas voando direto para o paraíso.

[1956]

Tradução de Samuel Titan Jr.



The background is a teal color with various Christmas-themed illustrations in teal and gold. There are several pinecones of different sizes and orientations. A five-pointed star is positioned in the upper left. A candy cane is curved in the upper right. Another candy cane is in the lower right. There are also clusters of round ornaments and pine needles scattered throughout the design.

Um Natal

Truman Capote

Para Glória Dunphy

Primeiro, um breve prólogo autobiográfico. Minha mãe, que era excepcionalmente inteligente, era a moça mais bonita do Alabama. Todo mundo dizia isso, e era verdade; e, quando estava com dezesseis anos, casou com um negociante de vinte e oito que pertencia a uma boa família de Nova Orleans. O casamento durou um ano. Minha mãe era jovem demais para ser mãe ou esposa; também era ambiciosa demais – queria ir para a faculdade e ter uma profissão. Assim, deixou o marido; e, quanto ao que fazer comigo, entregou-me aos cuidados de sua vasta família do Alabama.

Ao longo dos anos, raramente vi meus pais. Meu pai estava ocupado em Nova Orleans, e minha mãe, depois de se formar na faculdade, foi perseguir o sucesso em Nova York. Para mim, não era uma situação desagradável. Eu era feliz onde estava. Tinha muitos parentes amorosos, tios e tias e primos, em especial uma prima, uma velha de cabelo branco, ligeiramente entredada, chamada Sook. Srta. Sook Faulk. Eu tinha outros amigos, mas ela era, de longe, minha melhor amiga.

Foi Sook quem me falou do Papai Noel, de sua barba esvoaçante, sua roupa vermelha, seu trenó tilintante, cheio de presentes, e eu acreditava nela, assim como acreditava que tudo era vontade de Deus, ou do Senhor, como Sook sempre O chamava. Se eu dava um tropeção, ou caía do cavalo, ou pescava no riacho um peixe alentado – bom ou mau, tudo era vontade do Senhor. E foi o que Sook disse quando recebeu a assustadora notícia de Nova Orleans: meu pai queria que eu fosse pas-

sar o Natal com ele.

Chorei. Não queria ir. Nunca havia deixado aquela remota cidadezinha do Alabama, cercada de florestas e fazendas e rios. Nunca dormi sem Sook passando os dedos por meu cabelo e dando-me um beijo de boa-noite. E, além do mais, eu tinha medo de estranhos, e meu pai era um estranho. Eu o tinha visto várias vezes, porém a lembrança era vaga; eu não fazia ideia de como ele era. Mas, como Sook disse: “É a vontade do Senhor. E quem sabe, Buddy, pode ser que você veja neve”.

Neve! Até eu aprender a ler, Sook leu muitas histórias para mim, e parecia que em quase todas havia muita neve. Flocos de contos de fadas, flutuando no vento, deslumbrantes. Era algo com que eu sonhava; algo mágico e misterioso que eu queria ver e sentir e tocar. Naturalmente nunca vi, Sook tampouco; como haveríamos de ver, morando num lugar quente como o Alabama? Não sei por que ela pensou que eu veria neve em Nova Orleans, pois Nova Orleans é mais quente ainda. Não importa. Ela só estava tentando me encorajar a fazer a viagem.

Ganhei um terno novo. Tinha um cartão preso na lapela com meu nome e endereço. Para o caso de me perder. Sabe, eu ia viajar sozinho. De ônibus. Bom, todo mundo achava que eu ficaria seguro com a etiqueta. Todo mundo, menos eu. Eu estava morrendo de medo; e furioso. Furioso com meu pai, aquele estranho que estava me obrigando a deixar minha casa e me afastar de Sook na época do Natal.

Era um trajeto de seiscentos e quarenta quilômetros, algo assim. A primeira parada era em Mobile. Fiz baldeação lá e rodei sem parar em meio a terras alagadiças e ao longo do litoral até chegar a uma cidade barulhenta, repleta de bondes e de gente perigosa com cara de estrangeiro.

Era Nova Orleans.

E de repente, quando descii do ônibus, um homem me tomou nos braços, me tirou o fôlego; e ria, e chorava – um homem alto, bonito, rindo e chorando. E perguntou: “Não está me conhecendo? Não está conhecendo o seu papai?”

Perdi a fala. Não disse uma palavra até que, já no táxi, finalmente perguntei: “Onde é?”

“A nossa casa? Não é longe...” “Não a casa. A neve.”

“Que neve?”

“Eu achei que tinha um monte de neve.”

Ele me olhou de um jeito esquisito, mas riu. “Nunca nevou em Nova Orleans. Não que eu saiba. Mas escute. Está ouvindo esse trovão? Com certeza vai chover!”

Não sei o que me assustou mais, o trovão, os ziguezagues sibilantes que se sucederam – ou meu pai. Nessa noite, quando me deitei, ainda chovia. Fiz minhas orações e rezei para logo estar em casa, com Sook. Não sei como conseguiria pegar no sono, sem Sook para me dar o beijo de boa noite. O fato é que não consegui dormir, então comecei a imaginar o que o Papai Noel haveria de me trazer. Eu queria uma faca com cabo de madrepérola. E uma vasta coleção de quebra-cabeças. Um chapéu de caubói com laço combinando. E uma espingarda de chumbinho para matar pardal. (Anos depois, quando realmente ganhei uma espingarda de chumbinho, matei um tordo-dos-remédios e uma codorniz e não vou esquecer nunca o remorso que senti, a dor; nunca mais matei, e cada peixe que pesco jogo de novo na água.) E eu queria uma caixa de lápis de cor. E, principalmente, um rádio, mas sabia que era impossível: eu não conhecia dez pessoas que tivessem rádio. Lembre, era a Depressão, e no Sul eram raras as casas com rádio ou geladeira.

Meu pai tinha os dois. Parece que tinha tudo – inclusive uma baratinha, para não falar numa casinha no bairro francês, linda, antiga, cor-de-rosa, com sacadas de ferro rendilhado e um jardim secreto nos fundos, pintalgado de flores e refrescado por uma fonte em forma de sereia. Também tinha uma meia dúzia, eu diria uma dúzia inteira, de amigas. Como minha mãe, ele não se casou novamente; mas ambos tinham admiradores decididos e, querendo ou não, acabaram tomando o caminho do altar – na verdade, meu pai o tomou seis vezes.

Portanto, você já percebeu que ele tinha lá seu encanto; e, de fato, parecia encantar a maioria das pessoas – todo mundo, menos eu. Isso porque me constrangia demais, sempre me arrastando para conhecer seus amigos, todo mundo, do banqueiro ao barbeiro que o barbeava diariamente. E, claro, todas as suas amigas. E a pior parte: ele me abraçava e me beijava e se gabava de mim o tempo todo. Eu ficava com muita vergonha. Para começo de conversa, não havia de que se gabar.

Eu era um autêntico interiorano. Acreditava em Jesus e rezava fielmente. Sabia que o Papai Noel existia. E em casa, no Alabama, nunca usava sapato, a não ser para ir à igreja; inverno ou verão.

Era pura tortura ser arrastado pelas ruas de Nova Orleans naqueles sapatos amarrados firmemente, quentes como o inferno, pesados como chumbo. Não sei o que era pior – os sapatos ou a comida. Em casa, eu estava acostumado com frango frito e couve e feijão-manteiga e broa de milho e outras coisas reconfortantes. Mas aqueles restaurantes de Nova Orleans! Jamais vou esquecer minha primeira ostra, foi como um sonho ruim escorregando goela abaixo; décadas se passaram até eu engolir outra. Quanto a toda aquela condimentada culinária crioula – só de pensar me dava azia. Não, senhor, eu suspirava por biscoitos tirados do forno e leite fresco da vaca e melaço caseiro direto do tacho.

Meu pobre pai não tinha ideia de meu sofrimento, em parte porque eu nunca o demonstrei, com certeza nunca lhe contei; e em parte porque, apesar do protesto de minha mãe, ele obtivera minha custódia legal para aquele feriado de Natal.

Ele dizia: “Fala a verdade. Você não quer vir morar comigo, aqui, em Nova Orleans?”.

“Não posso.”

“Como assim, não pode?”

“Eu sinto falta da Sook. Sinto falta da Queenie; a gente tem uma terrierzinha rateira, uma coisinha engraçada. Mas nós dois a amamos.”

Ele perguntou: “Você não me ama?”.

Eu respondi: “Sim”. Mas a verdade era que, com exceção de Sook e Queenie e uns poucos primos e um retrato de minha linda mãe ao lado de minha cama, eu não tinha nenhuma ideia real do que significava amar.

Logo descobri. Na véspera do Natal, caminhávamos pela rua Canal, e de repente parei, mesmerizado por um objeto mágico que avistei na vitrine de uma grande loja de brinquedos. Era um avião de tamanho suficiente para eu sentar dentro dele e pedalar, como na bicicleta. Era verde e tinha um propulsor vermelho. Eu estava convencido de que, pedalando bem rápido, poderia decolar e voar! Não seria fantástico? Imaginei meus primos, plantados no chão, enquanto eu voava por en-

tre as nuvens. O avião verde, eles verdes de inveja: haja verde! E ri; e ri, e ri. Foi a primeira coisa que fiz que deixou meu pai com um ar confiante, embora ele não soubesse o que eu achara tão engraçado.

Nessa noite, rezei para o Papai Noel me trazer o avião.

Meu pai já tinha comprado uma árvore de Natal, e passamos um tempão numa loja de artigos populares, comprando uma porção de coisas para enfeitá-la. Então cometi um erro. Pus um retrato de minha mãe embaixo da árvore. Assim que o viu, meu pai ficou branco e se pôs a tremer. Eu não sabia o que fazer. Mas ele sabia. Foi até um armário e tirou um copo alto e uma garrafa. Reconheci a garrafa, porque todos os meus tios do Alabama tinham muitas iguazinhas àquela. Driblando a Lei Seca. Ele encheu o copo alto e bebeu praticamente de um só fôlego. Depois, foi como se o retrato desaparecesse. E assim aguardei a noite de Natal e o advento, sempre empolgante, do gordo Papai Noel. É óbvio que eu nunca tinha visto um gigante pesado, tilintante, barrigudo despencar chaminé abaixo e alegremente distribuir suas dádivas sob uma árvore de Natal. Meu primo Billy Bob, que era um tampinha enfezado, com um punho de ferro no lugar do cérebro, disse que era um monte de besteiras, que tal criatura não existia.

“Claro que não!”, assegurou. “Quem acredita em Papai Noel também acha que mula é cavalo.” Essa discussão ocorreu na pracinha do tribunal. Rebatí: “O Papai Noel existe, porque o que ele faz é a vontade do Senhor, e tudo o que é a vontade do Senhor é a verdade”. E Billy Bob, cuspidno no chão, afastou-se: “Parece que a gente arrumou mais um pregador”.

Sempre jurei que nunca dormiria na véspera do Natal, eu queria ouvir a dança saltitante das renas no telhado e estar bem ali, ao pé da chaminé, para apertar a mão do Papai Noel. E, nessa véspera de Natal em especial, parecia-me que nada seria mais fácil que ficar acordado.

A casa de meu pai tinha três andares e sete cômodos, alguns deles imensos, sobretudo os três que davam para o jardim dos fundos: uma sala de visitas, uma sala de jantar e uma sala “musical”, para quem gostava de dança e carteados. Os dois andares superiores tinham sacadas de ferro rendilhado, verde escuro, em cujos meandros delicadamente se entrelaçavam buganvílias e ondulantes orquídeas-aranhas escarlates

– uma trepadeira que lembra lagartos agitando suas línguas vermelhas. Era o tipo de casa que melhor se revelava nos assoalhos reluzentes e num vime aqui, num veludo lá. Podia ser confundida com a casa de um homem rico, mas era o lar de um homem faminto de elegância. Como ele conseguia satisfazer essa fome era um mistério para um menino pobre (mas feliz) e descalço do Alabama.

Contudo, não era mistério para minha mãe, que, tendo se formado na faculdade, usava todos os seus encantos sulinos para encontrar em Nova York um noivo realmente adequado, que pudesse lhe dar apartamentos na Sutton Place¹ e casacos de zibelina. Não, ela sabia dos recursos de meu pai, embora só fosse tocar no assunto anos mais tarde, muito depois de adquirir cordões de pérolas para resplender no pescoço envolto em zibelina.

Ela foi me visitar num internato esnobe da Nova Inglaterra (onde seu rico e generoso marido custeava meus estudos) e, furiosa com alguma coisa que eu disse, gritou: “Então, você não sabe como é que ele vive tão bem? Como é que ele freta iates e faz cruzeiros pelas ilhas gregas? As esposas! Pense em toda a longa fila delas. Todas viúvas. Todas ricas. Muito ricas. E todas muito mais velhas que ele. Velhas demais para casar com qualquer rapaz em seu juízo perfeito. É por isso que você é o único filho dele. E é por isso que eu nunca mais vou ter outro filho... Eu era jovem demais para ter filhos, mas ele era uma besta, ele me destruiu, me arruinou...”

Apenas um gigolô, em todo lugar aonde eu vou, as pessoas param e olham para mim... Lua, lua sobre Miami... Este é meu primeiro caso, por favor, seja bondosa... Ei, moço, pode me dar dez centavos?... Apenas um gigolô, em todo lugar aonde eu vou, as pessoas param e olham para mim...

Enquanto ela falava (e eu tentava não ouvir, porque, ao declarar que meu nascimento a destruíra, ela estava destruindo a mim), essas músicas, ou músicas parecidas, me passavam pela cabeça. Ajudavam-me a não escutá-la e me lembravam da festa estranha e inesquecível que meu pai organizou em Nova Orleans naquela véspera de Natal.

O quintal estava repleto de velas, bem como os três cômodos que

¹ Rua elegante de Nova York. (N. T.)

davam para o jardim dos fundos. A maioria dos convidados se reuniu na sala de visitas, onde o fogo suave da lareira fazia a árvore de Natal cintilar; muitos, porém, dançavam na sala de música e no quintal ao som de uma vitrola de corda. Tendo sido apresentado aos convidados e muito enaltecido, recebi ordem de subir; no entanto, do terraço de meu quarto pude observar toda a festa, ver todos os pares dançando. Vi meu pai valsar com uma dama graciosa ao redor do tanque que cercava a fonte de sereia. Ela era graciosa e usava um vaporoso vestido prateado que brilhava à luz das velas; mas era velha – no mínimo dez anos mais velha que meu pai, que estava então com trinta e cinco.

De repente me dei conta de que meu pai era, de longe, a pessoa mais jovem de sua festa. Nenhuma das senhoras, por encantadora que fosse, era mais jovem que a esguia valsista no esvoaçante vestido prateado. A mesma coisa se repetia com os homens, muitos dos quais fumavam havanas de cheiro adocicado; mais da metade tinha idade suficiente para ser pai de meu pai.

Então eu vi uma coisa que me fez pestanejar. Meu pai e sua ágil parceira tinham dançado até um nicho sombreado por orquídeas-aranhas escarlates; e estavam se abraçando, se beijando. Fiquei tão perplexo, fiquei tão irado, que corri para o quarto, pulei na cama e puxei as cobertas até a cabeça. O que meu pai, bonito, jovem, haveria de querer com uma velha daquelas! E por que toda aquela gente que estava lá embaixo não ia embora, para que o Papai Noel pudesse vir? Permaneci acordado durante horas, ouvindo-os partir, e, quando meu pai disse adeus pela última vez, escutei-o subir a escada e abrir minha porta para me espiar; mas fingi que estava dormindo.

Aconteceram várias coisas que me mantiveram acordado a noite inteira. Primeiro, os passos, o barulho de meu pai subindo e descendo a escada, respirando pesadamente. Eu tinha de ver o que ele estava fazendo. Assim, me escondi no terraço, entre as buganvílias. Dali eu tinha uma visão completa da sala de visitas e da árvore de Natal e da lareira, onde ainda ardia um fogo pálido. Além do mais, eu podia ver meu pai. Ele engatinhava embaixo da árvore, arranjando uma pirâmide de pacotes. Embrulhados em papel púrpura, e vermelho e dourado e branco e azul, farfalhavam quando ele os manuseava. Fiquei zozzo,

pois o que vi me obrigava a reconsiderar tudo. Se aqueles presentes eram para mim, então obviamente não foram encomendados pelo Senhor e entregues pelo Papai Noel; não, eram presentes comprados e embrulhados por meu pai. O que significava que meu terrível primo Billy Bob e outros garotos terríveis como ele não mentiram quando riram de mim e disseram que o Papai Noel não existia. O pior pensamento foi: será que Sook sabia a verdade e mentiu para mim? Não, Sook nunca mentiria para mim. Ela acreditava. Só que – bom, embora ela tivesse sessenta e tantos anos, em alguns aspectos era no mínimo tão criança quanto eu.

Fiquei olhando até meu pai terminar seus afazeres e apagar as poucas velas que ainda ardiam. Esperei até ter certeza de que ele estava na cama e dormia profundamente. Então desci para a sala de visitas, que ainda recendia a gardênia e havana.

Sentei lá, pensando: agora eu vou ter de contar a verdade para Sook. Uma raiva, uma estranha maldade espiralava dentro de mim: não se dirigia a meu pai, embora ele acabasse sendo sua vítima.

Quando amanheceu, examinei os cartões presos nos pacotes. Todos diziam: “Para Buddy”. Todos, menos um, que dizia: “Para Evangeline”. Evangeline era uma velha de cor que tomava Coca-Cola o dia inteiro e pesava uns cento e trinta quilos; ela era a empregada de meu pai – e uma mãe para ele. Decidi abrir os pacotes: era manhã de Natal, eu estava acordado, por que não? Não vou me dar o trabalho de descrever o que continham: só camisas e suéteres e outras chatices desse tipo. A única coisa de que eu gostei foi um vistoso revólver de espoleta. Imaginei que seria divertido acordar meu pai com uns disparos. E assim fiz. Bang. Bang. Bang.

Ele saiu correndo do quarto, o olhar desvairado. Bang. Bang. Bang. “Buddy... que diabos você acha que está fazendo?”

Bang. Bang. Bang. “Pare com isso!”

Eu ri. “Veja, papai. Veja todas as maravilhas que o Papai Noel trouxe para mim.”

Já calmo, ele entrou na sala e me abraçou. “Você gostou do que o Papai Noel trouxe para você?”

Sorri para ele. Ele sorriu para mim. Houve um longo momento de

ternura, que se rompeu quando eu disse: “Gostei. Mas o que é que você vai me dar, papai?”. Seu sorriso se evaporou. Os olhos se apertaram, desconfiados – dava para ver que ele achava que eu estava aprontando alguma tramoia. Mas então corou, como que envergonhado de pensar o que pensava. Acariciou-me a cabeça, tossiu e disse: “Bom, eu pretendia esperar e deixar você escolher o que quisesse. Você quer alguma coisa em especial?”

Lembrei-o do avião que vimos na loja de brinquedos da rua Canal. Ele ficou de queixo caído. Ah, sim, lembrava-se do avião e de como era caro. Mesmo assim, no dia seguinte eu estava sentado naquele avião, sonhando que voava para o céu, enquanto meu pai preenchia um cheque para um vendedor feliz. Houve alguma discussão sobre despachar o avião para o Alabama, mas fui inflexível – insisti em levá-lo comigo no ônibus das duas, que eu ia tomar naquela tarde. O vendedor pôs fim ao impasse, ligando para a empresa de ônibus, que declarou que podia cuidar disso facilmente.

Mas eu ainda não estava livre de Nova Orleans. O problema era uma garrafa de prata com bebida clandestina; talvez por causa de minha partida, meu pai passou o dia bebendo; e, no caminho da rodoviária, assustou-me ao agarrar meu pulso e murmurar, a voz rouca: “Eu não vou deixar você ir embora. Não posso deixar você voltar para aquela família maluca naquela casa velha maluca. Veja só o que fizeram com você. Um menino de seis anos, quase sete, falando em Papai Noel! É tudo culpa deles, todas aquelas solteironas azedas com suas Bíblias e suas agulhas de tricô, aqueles tios bêbados. Escute, Buddy. Deus não existe! Papai Noel não existe”. Ele apertava meu pulso de tal modo que doía. “Às vezes, oh, Deus, eu acho que sua mãe e eu, nós dois, devíamos nos matar por ter deixado isso acontecer...”. (Ele nunca se matou, mas minha mãe sim: enveredou pela rota do Seconal, trinta anos atrás.) “Me dê um beijo. Por favor. Por favor. Me dê um beijo. Diga para o seu papai que você o ama.” Mas eu não pude falar. Estava com muito medo de perder o ônibus. E estava preocupado com o avião, amarrado em cima do táxi. “Diga: ‘eu te amo’. Diga. Por favor. Buddy. Diga.”

Sorte minha que o taxista era um homem de bom coração. Porque, se não fosse a ajuda dele, e a ajuda de uns carregadores eficientes e de

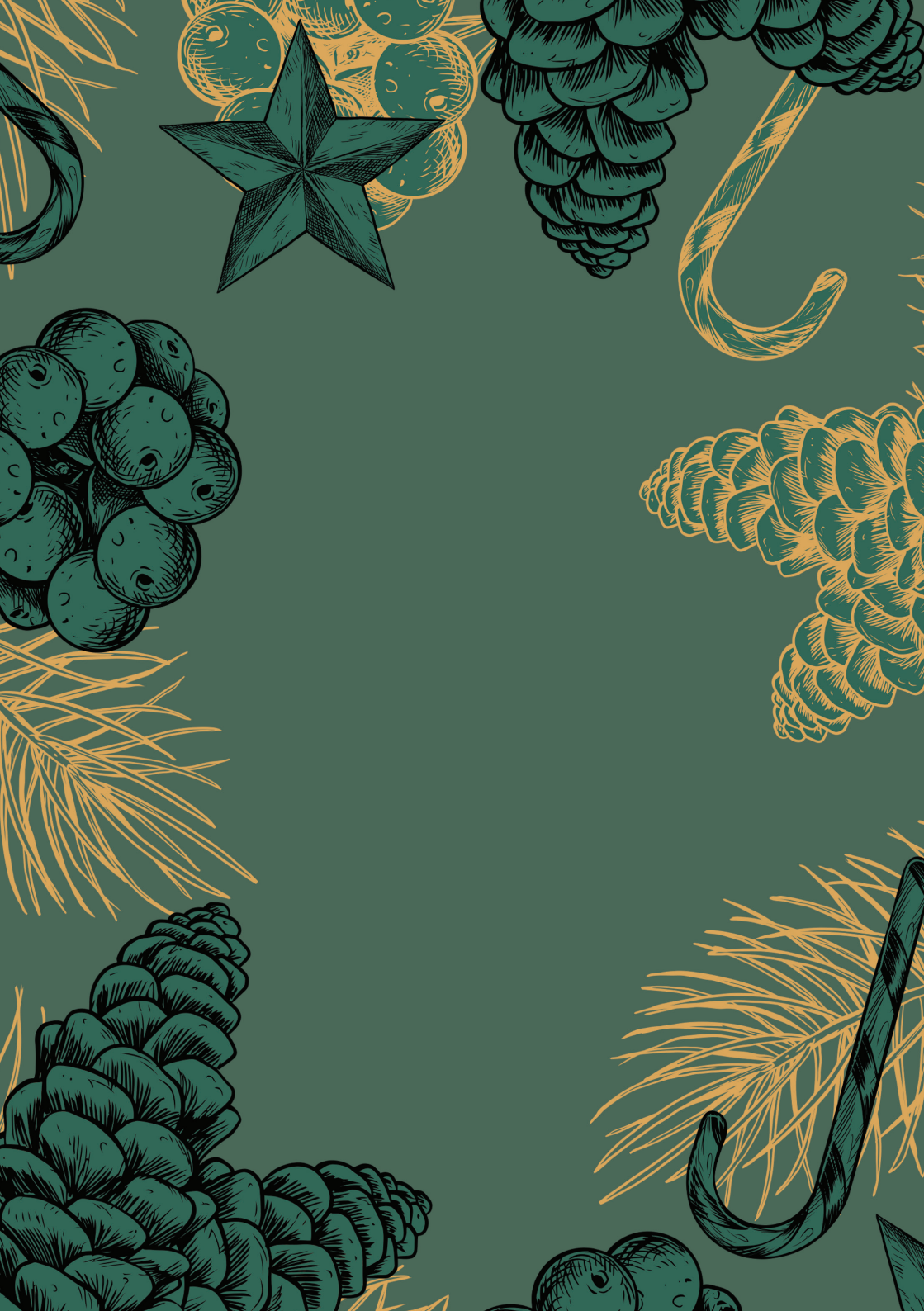
um policial amável, não sei o que teria acontecido quando chegamos à rodoviária. Meu pai tremia tanto que mal conseguia andar, porém o policial conversou com ele, acalmou-o, ajudou-o a se aprumar, e o taxista prometeu levá-lo para casa são e salvo. Mas meu pai só foi embora depois de ver os carregadores me colocarem no ônibus.

Uma vez no ônibus, afundei na poltrona e fechei os olhos. Senti uma dor esquisitíssima. Uma dor esmagadora, presente em toda parte. Pensei que, se tirasse meus pesados sapatos urbanos, aqueles monstros cruciantes, o sofrimento diminuiria. Tirei-os, mas a dor misteriosa não me deixou. De certo modo, nunca deixou; nunca deixará.

Doze horas depois, eu estava em casa, na cama. O quarto estava escuro. À minha cabeceira, Sook se balançava numa cadeira de balanço, produzindo um ruído tão tranquilizador quanto as ondas do mar. Eu tentara lhe contar tudo o que havia acontecido, e só parei quando fiquei rouco como um cão ululante. Ela passou os dedos por meu cabelo e explicou: “Claro que o Papai Noel existe. Só que uma única pessoa não poderia fazer tudo o que ele tem para fazer. Então o Senhor dividiu a tarefa entre todos nós. Por isso é que todo mundo é Papai Noel. Eu sou. Você é. Até o seu primo Billy Bob é. Agora durma. Conte estrelas. Pense na coisa mais silenciosa. Como a neve. Pena que você não viu a neve. Mas agora ela está caindo através das estrelas...”. As estrelas cintilavam, a neve rodopiava em minha cabeça; a última coisa que lembrei foi da voz serena do Senhor dizendo-me algo que eu precisava fazer. E no dia seguinte eu fiz. Fui com Sook até o correio e comprei um postal de um centavo. Esse postal existe até hoje. Foi encontrado no cofre de meu pai, quando ele morreu, ano passado. Eis o que escrevi: “Olá pápi espero que você esteja bem eu estou e estou aprendendo a pedalar o meu avião tão rápido que logo vou estar no céu por isso fique de olho aberto e sim eu te amo Buddy”.

[1982]

Tradução de Hildegard Feist



O Jarro de Prata

Truman Capote

Depois da escola, eu ia trabalhar no Valhalla, uma drugstore. O estabelecimento era de propriedade do meu tio, Sr. Ed Marshall. Eu o chamo de Sr. Marshall porque todo mundo, até mesmo sua esposa, o chamava assim. Na verdade, era um bom homem.

A loja talvez fosse antiquada, mas era grande, escura e fresca: durante os meses do verão, não havia lugar mais agradável na cidade. Na entrada, à esquerda, ficava o balcão de revistas e tabaco, atrás do qual, na maioria das vezes, sentava-se o Sr. Marshall – um homem atarracado, de cara quadrada e pele rosada, com seu bigode curvo nas pontas, másculo e grisalho. Mais adiante, ficava o belo balcão das sodas. Era uma peça muito antiga, feita de um elegante mármore amarelado, suave ao toque e sem um único traço de esmalte barato. O Sr. Marshall a tinha comprado em 1910, num leilão em Nova Orleans, e sentia grande orgulho dela. Quem sentasse naqueles bancos altos, delicados, e olhasse além do sifão, via a própria imagem refletida suavemente, como à luz de velas, numa fileira de antigos espelhos emoldurados em mogno. As mercadorias em geral ficavam expostas em armários com portas de vidro, como antiguidades, fechados com chaves de bronze. O ar estava sempre impregnado do cheiro de xarope de fruta, noz-moscada e outras delícias.

O Valhalla era o ponto de encontro de Wachata County, até que um certo Rufus McPherson chegou à cidade e abriu um estabelecimento semelhante, bem do outro lado da praça do fórum. Esse Rufus McPherson era um bandido – quer dizer, roubou o comércio do meu tio. Instalou equipamentos bacanas na sua loja, como ventilador elé-

trico e luzes coloridas; atendia na calçada aos clientes que não desejassem descer do carro e fazia sanduíches de queijo quente. É claro que, embora alguns fregueses tenham permanecido fiéis ao Sr. Marshall, a maioria não resistiu a Rufus McPherson.

Durante algum tempo, o Sr. Marshall optou por ignorar o concorrente; à menção do nome McPherson, ele bufava, passava os dedos pelo bigode e fingia que não era com ele. Mas dava para ver que estava louco da vida. E cada vez mais. Então, um dia, lá por meados de outubro, entrei no Valhalla e o encontrei sentado junto do sifão, jogando dominó e bebendo vinho com o Hamurabi.

O Hamurabi era egípcio, uma espécie de dentista, embora não tivesse muito trabalho, já que, em geral, as pessoas por aqui têm dentes extremamente fortes, por causa de um componente na água. Boa parte do tempo, ele ficava à toa no Valhalla e era o principal companheiro do meu tio. Era um homem bonito esse Hamurabi, de pele escura e uns dois metros de altura; as senhoras da cidade trancavam as filhas com cadeado e flertavam elas próprias com ele. Sotaque de estrangeiro, não tinha nenhum, e sempre achei que era tão egípcio quanto eu.

De todo modo, lá estavam eles, bebendo vinho tinto italiano diretamente de um jarro de quatro litros. Era uma visão preocupante, porque o Sr. Marshall era notório abstêmio. Portanto, claro, pensei comigo: “Ah, meu Deus, agora o Rufus McPherson deu nos nervos dele de vez”. Mas não era o caso.

“Tome, filho”, o Sr. Marshall me disse, “beba um copo de vinho.”

“Isso mesmo”, completou o Hamurabi, “ajude a gente a acabar com ele. É vinho comprado, não podemos desperdiçar nem uma gota.”

Bem mais tarde, quando o jarro já estava seco, o Sr. Marshall o apanhou e disse: “Muito bem, agora é que eu quero ver!”. E desapareceu no meio da tarde.

“Aonde ele foi?”, perguntei.

“Ah...”, foi tudo o que ouvi do Hamurabi, que gostava de me atormentar.

Meia hora depois meu tio voltou. Estava vergado e grunhia sob o peso que carregava. Depositou o jarro no balcão de mármore e deu alguns passos para trás, sorrindo e esfregando as mãos. “Bom, e aí, o

que vocês acham?”

“Ah...”, ronronou o Hamurabi. “Minha nossa...”, disse eu.

Deus é testemunha de que era o mesmo jarro de vinho, mas havia uma grande e maravilhosa diferença: ele agora estava cheio até a borda de moedinhas de cinco e dez centavos, rebrilhando foscas através do vidro grosso. “Bonito, não é?”, comentou meu tio. “Pedi para encherem no banco. Não deu para enfiar moedas maiores, mas, ainda assim, tem um bocado de dinheiro aí dentro, podem acreditar.”

“Mas para que isso, Sr. Marshall?”, perguntei. “Quer dizer, que ideia é essa?”

O sorriso do Sr. Marshall expandiu-se, arreganhando os dentes. “Isto aqui é um jarro de prata, pode-se dizer...”

“O pote no fim do arco-íris”, atalhou o Hamurabi.

“... e a ideia, como diz você, é que as pessoas tentem adivinhar quanto dinheiro tem aí dentro. O cliente que fizer uma comprinha a partir de, digamos, vinte e cinco centavos vai poder arriscar um palpite. Quanto mais comprar, mais palpites poderá dar. Vou anotar todos os palpites num livro, até a véspera do Natal. Aí, quem tiver dado o palpite mais próximo da soma correta leva tudo.”

Solene, o Hamurabi assentiu com a cabeça. “Ele está brincando de Papai Noel – e um Papai Noel bem matreiro...”, disse. “Vou para casa, escrever um livro: O hábil assassinato de Rufus McPherson.” Para falar a verdade, o Hamurabi às vezes escreve contos e os envia para revistas. Até hoje, sempre os mandaram de volta.

Foi surpreendente, um verdadeiro milagre como Wachata County gostou dessa história do jarro. O próprio Valhalla não via tanto movimento assim desde que o chefe de estação, Tully, pobre homem, endoidou de vez, dizendo que tinha encontrado petróleo nos fundos da estação ferroviária, o que provocou uma invasão de aventureiros, todos vindos para tentar a sorte na cidade. Até mesmo os vagabundos do bilhar, que jamais gastavam um centavo em nada que não tivesse a ver com uísque ou mulheres, começaram a investir suas economias em milkshakes. Algumas senhoras mais velhas desaprovaram de público a iniciativa do Sr. Marshall, considerando-a uma espécie de jogo de azar, mas não criaram nenhum problema: algumas até tiveram oportu-

tunidade de, numa ou noutra ocasião, nos visitar e arriscar um palpite. As crianças da escola ficaram loucas com a coisa toda, e eu me tornei muito popular, porque elas achavam que eu sabia a resposta.

“Vou explicar por que isso está acontecendo”, disse o Hamurabi, acendendo um daqueles cigarros egípcios que ele comprava por correio de uma firma de Nova York. “Não é pelo motivo que se imagina; em outras palavras, não é avidez. Não. O que encanta é o mistério. O sujeito olha para as moedas todas, e o que ele pensa? Tem tanto? Não, não é assim. Ele pensa: quanto será que tem? E essa é, de fato, uma questão profunda. Entende?”

Quanto ao Rufus McPherson, ah, esse ficou bravo, e como! No comércio, conta-se com o Natal para faturar boa parte do lucro anual, e Rufus andava com dificuldade para encontrar clientes. Por isso, tentou imitar a ideia do jarro. Mas, pão-duro como era, encheu o dele de moedas de um centavo. Além disso, escreveu uma carta para o editor do Banner, nosso jornal semanal, dizendo que o Sr. Marshall devia ser “coberto de alcatrão e penas e enforcado, por transformar crianças pequenas e inocentes em jogadores inveterados, pondo-as no caminho da perdição!”. Dá muito bem para imaginar o tipo ridículo que era esse McPherson. Ninguém lhe dedicava outra coisa senão escárnio. Assim, lá por meados de novembro, ele só podia postar-se na calçada defronte à loja e contemplar com amargura a festança do outro lado da praça.

Foi por essa época que Appleseed e sua irmã apareceram pela primeira vez.

Ele era um estranho na cidade. Pelo menos, ninguém se lembrava de tê-lo visto antes. Dizia que morava numa fazenda um quilômetro e meio adiante de Indian Branches, contou que sua mãe pesava só trinta e quatro quilos e que tinha um irmão mais velho que, por cinquenta centavos, tocava rabeca em casamentos. Afirmava que aquele, Appleseed, era seu único nome e que tinha doze anos de idade. Mas a irmã, Middy, contou que ele tinha oito. O cabelo era liso, de um louro escuro. O rosto, miúdo e tenso, curtido pelas intempéries, com olhos verdes ansiosos que lhe davam um aspecto sagaz de quem sabia das coisas. Era pequeno, franzino, nervoso e vestia sempre a mesma roupa: suéter vermelho e calça azul de brim, além das botas de homem adulto, que

faziam clópi, clópi a cada passo que ele dava.

Estava chovendo quando dessa primeira aparição de Appleaseed no Valhalla; os cabelos grudavam-se à cabeça como um boné, e as botas exibiam uma capa de barro vermelho das estradas de terra do campo. Middy seguiu-lhe os passos enquanto ele avançava com ares de vaqueiro em direção ao balcão das sodas, onde eu enxugava alguns copos.

“Ouvi dizer que vocês têm aí um garrafão cheio de dinheiro que vão dar para alguém”, disse, me olhando bem nos olhos. “E, já que estão dando mesmo, a gente ficaria muito contente de receber o dinheiro. Meu nome é Appleaseed, e esta é minha irmã, Middy.”

Middy parecia uma menina muito triste. Era bem mais alta e parecia muito mais velha que o irmão, aquele tipo de garota que a gente costuma chamar de varapau. Tinha cabelos cor de estopa, cortados bem curtos, e uma carinha pálida de dar pena. Usava um vestidinho gasto de algodão, que acabava bem acima dos joelhos pontudos. Havia algo de errado com seus dentes, que ela tentava esconder franzindo os lábios, como uma velha.

“Me desculpe”, eu disse, “mas você vai ter de falar com o Sr. Marshall.”

E foi o que ele fez. Pude ouvir meu tio explicando o que ele precisaria fazer para ganhar o dinheiro todo. Appleaseed ouvia com atenção, assentindo com a cabeça de vez em quando. Depois, voltou, postou-se bem defronte ao jarro e, tocando-o de leve com a mão, disse: “Não é uma belezinha, Middy?”

Middy respondeu: “Vão dar para a gente?”

“Vão nada... Para ganhar, precisa descobrir quanto dinheiro tem aí dentro. E ainda tem de comprar alguma coisa de vinte e cinco centavos, para pelo menos poder dar um palpite.”

“Mas a gente não tem esse dinheiro. Onde você acha que vai conseguir vinte e cinco centavos?”

Appleaseed franziu a testa e coçou o queixo. “Isso é o mais fácil, deixa comigo. O problema é que eu não posso só arriscar um palpite... Preciso saber.”

Bom, alguns dias depois, eles tornaram a aparecer. Appleaseed empoleirou-se num banco junto do balcão de mármore e, confiante, pe-

diu dois copos de água – um para ele, outro para Middy. Foi nessa ocasião que contou um pouquinho sobre sua família: “... e tem também o ‘papa’, o pai da minha mãe, que veio daqueles franceses lá da Louisiana, por isso não fala inglês direito. Meu irmão, o que toca rabeça, já foi em cana três vezes... Foi por causa dele que a gente teve de sair da Louisiana. Cortou lá um sujeito numa briga de faca, por causa de uma mulher dez anos mais velha que ele. Era loura”.

Middy, logo atrás dele, disse, nervosa: “Você não devia ficar falando desses assuntos particulares de família desse jeito, Appleseed”. “Quietiinha, Middy”, ele disse, e ela se calou. “É uma boa menina”, acrescentou ele, voltando-se para dar uns tapinhas na cabeça dela, “mas a gente não pode dar moleza. Vá olhar os livros com figurinhas, gracinha, e pare de ranger os dentes assim. O Appleseed aqui precisa pensar um pouco.”

“Pensar” significava ficar olhando fixo para o jarro, como se tentasse comê-lo com os olhos. Com o queixo apoiado na mão, ele ficou ali, estudando o objeto por um bom tempo, sem nem piscar. “Uma senhora na Louisiana me disse que eu podia ver coisas que os outros não veem, porque nasci empelicado.”¹

“Está na cara que você não vai conseguir ver quanto tem aí dentro”, eu disse a ele. “Por que não pensa num número e quem sabe você acertar?”

“Naaaa...”, resmungou ele, “é arriscado demais. Não posso correr um risco desses, não eu. Olhe aqui, o que eu penso é que só tem um jeito certo, seguro, que é contar as moedas todas.”

“Contar?!”

“Contar o quê?”, perguntou o Hamurabi, que acabara de entrar e se acomodava agora junto ao balcão.

“Este garoto diz que vai contar quanto tem no jarro”, expliquei. O Hamurabi dirigiu um olhar interessado para Appleseed.

“Como é que você planeja fazer isso, filho?”

“Ora, contando, ué”, respondeu Appleseed, como se não fosse nada.

Hamurabi riu. “Só se tiver olhos de raios X, filho, é o que eu posso dizer a você.”

¹ Diz-se de criança que nasce com a cabeça envolta no âmnio materno. [Fato considerado pelo povo como sinal de proteção especial.]

“Não, que nada! Basta nascer empelicado. Foi o que uma se-nhora me disse na Louisiana. Ela era uma bruxa e me amava. Quando minha mãe não quis me dar para ela, ela pôs um feitiço na minha mãe, que agora pesa só trinta e quatro quilos.”

“Mui-to in-te-res-sante”, comentou o Hamurabi, lançando um olhar esquisito para Appleseed.

Middy passeava pela loja, segurando um número de uma revista de cinema, a Screen Secrets. Apontou uma foto para Appleseed e disse: “Olha só se esta dama não é a mulher mais bonita do mundo. Está vendo, Appleseed, está vendo como são bonitos os dentes dela? Não tem nenhum fora do lugar”.

“Viu? Então pare de ranger os seus”, disse ele.

Depois que os dois foram embora, o Hamurabi pediu uma soda laranja, que bebeu devagar, enquanto fumava um cigarro. “Você acha que esse garoto bate bem da cabeça?”, perguntou, num tom intrigado.

Cidades pequenas são as melhores para se passar o Natal, eu acho. Elas entram logo no clima, mudam, animam-se, enfeitadas pela ocasião. Na primeira semana de dezembro, as portas das casas estavam enfeitadas com coroas de flores, e as vitrines das lojas reluziam com sinos de papel vermelho e flocos de neve de mica brilhante. As crianças faziam longas caminhadas até o bosque, de onde voltavam arrastando belos pinheiros. As mulheres dedicavam-se já a confeccionar os bolos de frutas, a abrir seus potes de passas e frutas cristalizadas e as garrafas de amora-preta e vinho moscatel. Na praça do fórum, uma árvore enorme foi adornada com lantejoulas prateadas e luzes coloridas, acesas ao pôr-do-sol. No fim da tarde, podia-se ouvir o coro da igreja presbiteriana ensaiando canções natalinas para seu espetáculo anual. Pela cidade inteira, os marmeleiros-da-china floresciam a toda.

A única pessoa que parecia absolutamente indiferente a essa atmosfera calorosa era Appleseed. Ele seguia dedicando-se à atividade já anunciada, ou seja, a de contar o dinheiro no jarro, o que fazia com grande e persistente cuidado. Agora, vinha todo dia ao Valhalla e se concentrava naquilo, franzindo as sobrancelhas e balbuciando consigo mesmo. De início, ficamos todos fascinados, mas, passado algum tempo, aquela história começou a cansar, e ninguém mais prestava atenção

nenhuma nele. De resto, ele não comprava nada; ao que parecia, não tinha conseguido arranjar os vinte e cinco centavos. Às vezes, Appleseed conversava com o Hamurabi, que se enternecera do garoto e volta e meia lhe pagava um quebra-queixo ou uma balinha de alcaçuz.

“Você ainda acha que ele é maluco?”, perguntei. “Não tenho muita certeza”, disse o Hamurabi.

“Se descobrir, eu conto. Ele não come direito. Vou levá-lo até o Café Arco-Íris e pagar um churrasquinho para ele.”

“Ele ia preferir ganhar uma moedinha de vinte e cinco centavos.”

“Não. O que ele precisa é de um churrasquinho no prato. Além disso, melhor seria que ele nunca arriscasse palpite nenhum. Um garoto nervoso assim, tão diferente – eu é que não ia querer ser o responsável, se ele arriscar e perder. Deus do céu, seria de cortar o coração.”

Eu, de minha parte, tenho de admitir que, naquele momento, Appleseed só me parecia uma figura engraçada. O Sr. Marshall tinha pena dele, e as crianças tentavam provocá-lo, mas desistiam, porque ele se recusava a reagir. E lá ficava ele, todo santo dia, sentado no banco do balcão das sodas, com a testa franzida e os olhos sempre fixos no jarro. Era tão retraído que, às vezes, tinha-se a sensação arrepiante de que, bem, talvez ele não existisse. Mas aí, quando já se estava quase convencido disso, ele acordava e dizia algo como: “Quer saber? Espero que tenha uma daquelas moedinhas de 1913 aí dentro, com a figura do búfalo. Um conhecido viu e me disse que uma moeda dessas de 1913, com o búfalo, vale cinquenta dólares”. Ou então: “Middy vai ser uma grande dama do cinema. Ganham uma montanha de dinheiro, essas estrelas de cinema, e aí nunca mais vamos precisar comer outra folha de couve na vida. Só que a Middy diz que não pode trabalhar no cinema se não tiver dentes bonitos”.

A Middy nem sempre acompanhava o irmão. Mas, quando ela não vinha, Appleseed nem parecia o mesmo: ficava tímido e ia embora logo.

O Hamurabi manteve a promessa e pagou para ele o tal churrasquinho no prato. “Seu Hamurabi é legal, sim”, contou Appleseed depois, “mas ele tem umas ideias esquisitas. Acha que, se morasse num lugar chamado Egito, seria rei ou coisa parecida.”

O Hamurabi, por sua vez, disse: “Esse garoto tem uma fé comovente. É bonito de ver. Mas estou começando a sentir desprezo por essa coisa toda”. Apontou para o jarro. “Esperança desse tipo é uma coisa cruel de se dar a uma pessoa, e fico muito chateado de ter participado disso.”

No Valhalla, o passatempo mais popular entre os fregueses era decidir o que iriam comprar caso ganhassem o jarro. Entre os que tomavam parte nas especulações estavam: Solomon Katz, Phoebe Jones, Carl Kuhnhardt, Puly Simmons, Addie Foxcroft, Marvin Finkle, Trudy Edwards e um homem de cor chamado Erskine Washington. E eis aqui algumas de suas escolhas: uma viagem para Birmingham, para fazer uma permanente lá; um piano usado; um pônei Shetland; um bracelete de ouro; uma coleção de livros dos Rover Boys, e uma apólice de seguro de vida.

Uma vez, o Sr. Marshall perguntou a Appleseed o que ele iria comprar. “É segredo”, foi a resposta, e não houve bisbilhotice capaz de fazê-lo contar o que seria. Concluímos que, fosse o que fosse, era alguma coisa que ele queria muito.

Em geral, não existe inverno sério nesta nossa região do país até final de janeiro, e, mesmo quando chega, ele é ameno e só dura pouco tempo. Mas, nesse ano sobre o qual escrevo, fomos abençoados com uma singular onda de frio na semana anterior ao Natal. Alguns falam disso até hoje, porque o frio era terrível: os canos de água congelaram; muitas pessoas tiveram de passar aqueles dias na cama, aninhadas debaixo dos acolchoados, porque não haviam se dignado ir buscar lenha suficiente para a lareira; o céu se tingiu daquele estranho cinza opaco que aparece antes das tempestades, e o sol bri-lhava pálido como lua minguante. O vento cortava: as folhas velhas e secas do outono caíam no chão gelado, e a grande árvore da praça do fórum foi despida duas vezes de seus trajes natalinos. Quando a gente respirava, saíam nuvens de fumaça. Lá para os lados da fição de seda, onde moravam os bem pobres, as famílias se juntavam no escuro, à noite, e contavam histórias para espantar o frio. No campo, os fazendeiros recobriam suas plantas delicadas com sacos de aniagem e rezavam; alguns aproveitaram o frio para matar os porcos e vender linguiça fresca. O Sr. R. C. Judkins, o

bêbado da cidade, se paramentou com um traje vermelho de gaze de algodão e foi trabalhar de Papai Noel na loja de artigos populares. Era pai de uma família grande, e todo mundo ficou feliz de vê-lo sóbrio a ponto de poder ganhar uns trocados. Houve várias reuniões sociais na igreja, e numa delas o Sr. Marshall ficou cara a cara com Rufus McPherson: trocaram palavras duras, mas nenhum soco.

Bom, como mencionei antes, Appleseed morava numa fazenda um quilômetro e meio para baixo de Indian Branches, o que significava uma distância de mais de quatro quilômetros da cidade – uma bela e solitária caminhada. Ainda assim, e apesar do frio, ele ia todo dia ao Valhalla e ficava até a hora de fechar, o que, com os dias mais curtos, acontecia depois do anoitecer. De vez em quando, pegava uma carona até parte do caminho com o capataz da fiação, mas isso não acontecia com muita frequência. Parecia cansado, exibia rugas de preocupação em torno da boca. Estava sempre com muito frio e tremia um bocado. Não creio que vestisse camiseta e ceroula por baixo do suéter vermelho e da calça de brim, para se aquecer.

De repente, três dias antes do Natal, e absolutamente do nada, Appleseed anunciou: “Bom, acabei. Quer dizer, já sei quanto dinheiro tem dentro do garrafão”. Afirmou isso com certeza tão grave e solene que era difícil duvidar do que acabara de dizer.

“Ora, mas espere aí, filho”, disse o Hamurabi, também presente. “Não é possível que você saiba uma coisa dessas. É ruim pensar assim: você só vai se decepcionar.”

“O senhor não precisa me passar um sermão, seu Hamurabi. Eu sei o que estou fazendo. Uma senhora na Louisiana me disse que...”

“Sei, sei, eu já sei... Mas você precisa esquecer isso. Se eu fosse você, iria para casa, ficaria quietinho e esqueceria essa história do maldito jarro.”

“Meu irmão vai tocar rabeca num casamento em Cherokee esta noite, e vai me dar os vinte e cinco centavos”, teimou o Appleseed. “Amanhã, dou meu palpite.”

Assim, no dia seguinte, me senti meio alvoroçado quando Appleseed e Middy chegaram. E, claro, ele trazia consigo os vinte e cinco centavos: por segurança, amarrados na ponta de um grande lenço vermelho.

Os dois caminharam de mãos dadas por entre os armários de vidro, confabulando aos sussurros sobre o que comprar. Por fim, decidiram-se por um vidrinho de uma colônia de gardênia, do tamanho de um dedal, que Middy abriu de pronto, despejando parte do conteúdo nos cabelos. “Estou cheirosa como... Virgem Maria, nunca cheirei tão bem assim. Tome, Appleaseed, me deixe derramar um pouquinho no seu cabelo.” Mas ele não quis saber.

O Sr. Marshall apanhou o livro em que anotava os palpites, enquanto Appleaseed se dirigia para perto do balcão de mármore, onde tomou o jarro nas palmas das mãos e o acariciou com gentileza. Seus olhos brilhavam, as maçãs do rosto coraram de excitação. Diversas pessoas que se encontravam no estabelecimento àquela hora se juntaram para observar. Middy, mais afastada, coçava a perna e cheirava sua colônia, quietinha. O Hamurabi não estava.

O Sr. Marshall lambeu a ponta do lápis e sorriu. “E então, filho, o que você me diz?”

Appleaseed respirou fundo. “Setenta e sete dólares e trinta e cinco centavos”, respondeu, de um jorro.

Ao escolher um número tão quebrado, decerto demonstrava originalidade, já que o palpite mais comum das pessoas era um número redondo. Solene, o Sr. Marshall repetiu a soma ao anotá-la.

“Quando vou saber se ganhei?”

“Na véspera do Natal”, alguém disse. “É amanhã, então?”

“Claro, isso mesmo”, confirmou o Sr. Marshall, nada surpreso. “Esteja aqui às quatro.”

Durante a noite, os termômetros caíram ainda mais, e, perto do amanhecer, despencou um daqueles temporais rápidos, como os do verão, de tal modo que o dia nasceu claro e gélido. A cidade parecia um postal retratando uma cena do Norte, com pingentes de gelo de um branco resplandecente nas árvores e os desenhos floridos que o frio pinta em todas as janelas. O Sr. R. C. Judkins levantou cedo, e, sem nenhum motivo aparente, percorria as ruas badalando um daqueles sinos de chamar as pessoas para o jantar; parava aqui e ali para tomar um trago de uísque da garrafinha de meio litro que levava no bolso da calça. Como não soprava vento algum, a fumaça das chaminés su-

bia preguiçosa e retilínea em direção ao céu calmo e gélido. No meio da manhã, ouvia-se já o coro presbiteriano em plena atividade, e os garotos da cidade (usando máscaras de horror, como no Halloween) corriam um no encalço do outro em torno da praça, fazendo um tremendo rebuliço.

O Hamurabi apareceu ao meio-dia, para ajudar a preparar o Vallaha. Trouxe consigo um belo saco de tangerinas, que, juntos, comemos até a última, jogando as cascas numa gorda estufa situada bem no meio do salão (presente do Sr. Marshall a si mesmo). Então, meu tio retirou o jarro do balcão de mármore, lustrou-o e o acomodou sobre uma mesa posicionada num ponto privilegiado. Depois disso, ele pouco ajudou, porque sentou numa cadeira e passou um bom tempo atando e reatando uma fita adesiva verde em torno do jarro. Assim sendo, o Hamurabi e eu tivemos de fazer o resto do trabalho sozinhos: varremos o chão, lavamos os espelhos, espanamos os armários de vidro e estendemos bandeirolas verdes e vermelhas de papel crepom de uma parede a outra. Quando terminamos, estava tudo muito bonito e elegante.

O Hamurabi, porém, lançou um olhar tristonho para nossa obra, dizendo: “Bom, agora acho melhor eu ir andando”.

“Mas você não vai ficar?”, perguntou, chocado, o Sr. Marshall. “Ah, não, não vou, não”, respondeu o Hamurabi, balançando

lentamente a cabeça. “Não quero ver o rosto daquele garoto. É Natal, e eu quero muita alegria. E alegria é o que não vou ter com uma coisa dessas na consciência. Ora, eu nem conseguiria dormir.”

“Você é quem sabe”, disse o Sr. Marshall. Deu de ombros, mas dava para ver que tinha ficado magoado. “A vida é assim mesmo. Além disso, quem é que sabe? Ele pode até ganhar.”

O Hamurabi suspirou, sombrio. “Qual foi o palpíte dele?” “Setenta e sete dólares e trinta e cinco centavos”, eu disse. “Ora, pois eu pergunto: não é uma coisa fantástica?”, disse ele.

Depois, sentou-se numa cadeira ao lado do Sr. Marshall, cruzou as pernas e acendeu um cigarro. “Se você tem aqueles chocalatinhos Baby Ruths aí, acho que vou querer um. Estou com a boca azeda.”

A tarde avançava, e nós três ficamos sentados ali, em torno da mesa, sentindo uma profunda tristeza. Quase não trocamos nenhuma pala-

vra, e, como as crianças haviam abandonado a praça, o único som que se ouvia era o do relógio batendo as horas no campanário do fórum. O Valhalla estava fechado, mas as pessoas continuavam passando e espiando pela janela. Às três horas, o Sr. Marshall me mandou destrancar a porta.

Em vinte minutos, o lugar estava superlotado; todos vestiam sua melhor roupa dominical, e o ar tinha um cheiro doce, porque a maioria das meninas da fiação se perfumara com essência de baunilha. Os presentes se espremiavam ao longo das paredes, empoleiravam-se junto do balcão de mármore, enfiavam-se onde pudessem; logo a multidão tinha se esparramado até a calçada e avançado para a rua. Na praça, enfileiravam-se as carroças puxadas por animais e os Fords T que haviam trazido os fazendeiros e suas famílias para a cidade. As pessoas riam, gritavam, gracejavam um bocado – ofendidas, muitas senhoras reclamaram dos palavrões e dos modos rudes e dos empurrões dos mais jovens, mas ninguém foi embora. Na entrada lateral, formara-se um grupo de pessoas de cor, e eram os que mais se divertiam. Todos aproveitavam a ocasião tão propícia. Normalmente, é tão quieto aqui: quase nunca acontece nada. Posso dizer com segurança que quase toda Wachata County comparecera, à exceção dos aleijados e de Rufus McPherson. Olhei em torno à procura de Appleseed, mas não o vi em lugar nenhum.

O Sr. Marshall pigarreou ostensivamente e bateu palmas para chamar a atenção de todos. Quando as coisas se acalmaram e o clima de tensão era satisfatório, ele ergueu a voz feito um leiloeiro e proclamou: “Muito bem, escutem todos! Neste envelope que vocês veem na minha mão” – ele segurava o envelope pardo acima da cabeça –, “bem, nele está a resposta, que até este momento ninguém conhece, a não ser Deus e o banco, ha, ha, ha. E neste livro aqui” – ele ergueu o livro com a outra mão – “anotei os palpites de todos vocês. Alguma pergunta?”. Todos ficaram em silêncio. “Ótimo. Agora, preciso de um voluntário...”

Nenhuma criatura se moveu sequer um centímetro: era como se uma terrível timidez tivesse tomado conta da multidão, e mesmo aqueles que normalmente gostavam de aparecer ficaram olhando para os pés, envergonhados. Então, uma voz – a de Appleseed – gritou: “Me

deixem passar... Dá licença, madame, por favor”. Trotando atrás dele, que avançava, vinham Middy e um sujeito magricela e sonolento, que só podia ser o irmão tocador de rabeca. Appleseed vestia a roupa de sempre, mas tinha esfregado o rosto até deixá-lo rosado de tão limpo, engraxara as botas e penteara os cabelos bem para trás, rente à cabeça, com brilhantina. “Chegamos na hora certa?”, resfolegou.

E o Sr. Marshall emendou: “Então você quer ser nosso voluntário?”.

Appleseed pareceu perplexo, mas logo fez que sim, assentindo com todo o vigor.

“Alguém tem alguma objeção a que seja este jovem?”

O silêncio seguiu reinando, sepulcral. O Sr. Marshall entregou, então, o envelope a Appleseed, que o recebeu com tranquilidade. Em seguida, o garoto mastigou o lábio inferior por um instante, estudando o envelope antes de rasgá-lo.

Em toda aquela assembleia não se ouvia um único som, a não ser um tossido ocasional ou o suave tilintar do tal sino do Sr. R. C. Judkins. O Hamurabi estava encostado no balcão de mármore, junto do sifão, olhando para o teto; Middy contemplava o nada por sobre o ombro do irmão, e, quando ele começou a rasgar o envelope, ela deixou escapar um minúsculo arquejo de aflição.

Appleseed retirou um pedacinho de papel cor-de-rosa e, segurando-o como se se tratasse de coisa muito frágil, balbuciou para si mesmo o que estava escrito ali. De repente, seu rosto empalideceu, e lágrimas começaram a cintilar em seus olhos.

“Ei, diga lá, garoto!”, alguém gritou.

O Hamurabi avançou e praticamente arrancou dele o pedaço de papel. Depois, pigarreou, e ia começar a ler, quando sua expressão mudou de um jeito muito cômico. “Nossa Senhora Mãe de Deus...”, ele disse.

“Mais alto! Mais alto!”, um coro raivoso exigiu.

“Cambada de vigaristas!”, gritou o Sr. R. C. Judkins, que, a essa altura, já enchera a cara. “Isto está me cheirando a tramoia. E tramoia das boas!” Uma tempestade de vaias e assobios rasgou o ar.

O irmão do Appleseed rodopiou nos calcanhares, e chacoalhava o punho. “Cala a boca! Cala a boca todo mundo, antes que eu comece a bater cabeça contra cabeça e a distribuir galos do tamanho de um me-

lão, estão me ouvindo?”

“Cidadãos...”, apelou o prefeito Mawes, “cidadãos, é Natal... É Natal, cidadãos...”

Foi aí que o Sr. Marshall subiu numa cadeira e começou a bater palmas e pés, até restabelecer um mínimo de ordem. Conviria assinalar aqui que, segundo descobrimos mais tarde, o Sr. Rufus McPherson pagara ao Sr. R. C. Judkins para que desse início à baderna. De todo modo, uma vez contida a explosão, quem estava de posse do pedacinho de papel? Eu mesmo... Sei lá como.

Sem pensar, gritei: “Setenta e sete dólares e trinta e cinco centavos!”. Claro, graças à agitação toda, nem percebi de imediato o que aquilo significava; era só um número. Então, o irmão do Appleaseed soltou seu potente grito de alegria, e eu compreendi. O nome do vencedor se espalhou com rapidez, e os sussurros murmurados de admiração soavam feito um aguaceiro.

O Appleaseed era uma visão de dar dó. Chorava como se tivesse sido ferido de morte, mas, quando o Hamurabi o ergueu nos ombros, para que a multidão pudesse dar uma olhadinha, ele enxugou as lágrimas nos punhos do suéter e começou a sorrir. O Sr. R. C. Judkins gritou: “Trapaça! Pura trapaça!”, mas suas palavras foram abafadas por uma ensurdecidora salva de palmas.

Middy agarrou meu braço. “Meus dentes!”, guinchou. “Agora vou poder ter meus dentes!”

“Dentes?”, perguntei, meio atordoado.

“Dentes postiços”, ela disse. “É o que nós vamos comprar com o dinheiro: lindos dentes postiços branquinhos.”

Naquele momento, porém, meu único interesse era saber como Appleaseed tinha descoberto o número. “Ei, me conta”, supliquei a ela, “diz para mim como, em nome de Deus, ele sabia que eram exatos setenta e sete dólares e trinta e cinco centavos.”

E a Middy me dirigiu aquele olhar. “Ora, eu pensei que você já soubesse”, disse, com toda a seriedade. “Ele contou as moedas.”

“Está bem, mas como, contou como?” “Minha nossa, você não sabe nem contar?” “E foi só isso que ele fez?”

“Bom”, disse ela, depois de pensar por um instante, “ele rezou um

pouquinho também.” Então, fez menção de se afastar, mas voltou-se e completou: “Além disso, ele nasceu empelicado”.

E foi o mais próximo que alguém jamais conseguiu chegar de resolver o mistério. Daí em diante, se se perguntasse a Appleseed: “Como assim?”, ele abria um estranho sorriso e mudava de assunto. Muitos anos depois, ele e a família se mudaram para algum lugar da Flórida, e nunca mais se ouviu falar deles.

Em nossa cidade, contudo, a lenda do Appleseed segue firme e forte. Até morrer, um ano atrás, em abril passado, o Sr. Marshall era convidado todo Natal a contar a história do Appleseed nas aulas de leitura da Bíblia dos batistas. Uma vez, o Hamurabi datilografou um relato e o enviou para diversas revistas. Nunca publicaram. A resposta de um editor dizia que, “se a menina tivesse mesmo se tornado artista de cinema, aí a história teria algum interesse”. Mas, se não foi isso que aconteceu, por que mentir?

[1945]

Tradução de Sergio Tellaroli





Cartas

As cartas são uma tradição dos Círculos de Leitura. A troca de palavras dá testemunho da vida que os textos possuem, como eles ganham novas dimensões nos leitores que aceitam o convite da interpretação. Alunos, professores, educadores e amigos do programa seguem dialogando sobre os temas do Natal. Esta é uma conversa que acontece no passado, no presente e abre-se ao futuro do diálogo.

Nas palavras de Peter Sloterdijk¹:

“Livros, observou certa vez o escritor Jean Paul [1763-1825], são cartas dirigidas a amigos, apenas mais longas. Com esta frase ele explicou precisamente, de forma graciosa e quintessencial, a natureza e a função do humanismo: a comunicação propiciadora de amizade realizada a distância por meio da escrita. (...) Desde que existe como gênero literário, a filosofia recruta seus seguidores escrevendo de modo contagiante sobre amor e amizade. Ela não é apenas um discurso sobre o amor à sabedoria, mas também quer impelir outros a esse amor. Que a filosofia escrita tenha logrado manter-se contagiosa desde seus inícios, há mais de anos, até hoje, deve-se ao êxito de sua capacidade de fazer amigos por meio de um texto.”

¹ SLOTERDIJK, Peter. Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1999.

São Paulo, 15 de Novembro de 2015

Alô Catalina,

Entrei na internet e pesquisei um pouco. Hamurabi foi rei da Babilônia entre 1792 a.C. a 1750 a.C. Ele criou um conjunto de leis, chamado de código de Hamurabi. O código foi talhado em uma rocha e parece que são as primeiras normas de conduta que o homem colocou por escrito.

Interessante a semelhança entre a deusa da justiça, que ajuda a Telêmaco, e o personagem Hamurabi, que ajuda o menino no conto de Truman Capote.

Abraço,

*Myriam (economista, amiga e voluntária do
Programa Círculos de Leitura)*

Jundiaí, 18 de novembro de 2015

Oi, Catalina, como vai?

O conto “O Jarro de Prata” continua me inquietando. Ainda me pego com aquele conto passeando dentro de mim. E hoje acho que, finalmente, entendi o porquê. Ele nos toca diante da possibilidade de todos sermos Papai Noel. E, em mim, ficou a questão do que fez com que o dono do bar resolvesse ser o Papai Noel daquele menino.

Até que ponto o fato dele se considerar empelcado o colocou numa atitude mental que afetou o dono do bar? A física quântica não afirma, e a neolinguística confirma, que as palavras e atitudes criam a realidade?

Depois desses dias todos, de pensa que pensa, pensa que pensa, a minha conclusão é que como o menino nem um minuto duvidava da

sua sorte, já que era empelicado e era muito persistente contando as moedas diariamente, acabou acreditando e agindo de forma que determinou o fim feliz da história. Como isso influenciou o dono do bar? Isso não sei. Mas talvez tenha razão quem escreveu que “The difference between the possible and the impossible is a willing heart”¹ (A diferença entre o possível e o impossível é o desejo do coração).

Impossível acertar a quantidade de moedas, mas aquele menino empelicado e determinado não duvidou nem um minuto no seu coração que iria ganhar. Isso foi tão forte que fez o dono do bar resolver dar uma de Papai Noel anônimo. Será que na vida é assim mesmo?

Um abraço,

*Ana (professora de matemática e amiga do
Programa Círculos de Leitura)*

São Paulo, 19 de novembro de 2015

Bom dia!

Como é lindo este processo. A Ana escreveu que o conto ficou “passando dentro dela”. Eu penso que esta seja a etapa anterior à precipitação dos nossos desejos da dimensão espiritual para a dimensão do concreto. E é este movimento que “captura” o “Papai Noel”! A mágica da vida...

Catalina, grata por compartilhar este depoimento que me fez confirmar esta convicção que sempre trago comigo.

Beijos,

*Adriana (artista plástica e amiga do
Programa Círculos de Leitura)*

¹ Lolly Daskal, *Thoughts Spoken From The Heart*. Lead from Within Publishing, 2013.

Querida Ana,

Após lermos com carinho suas reflexões sobre o conto “O Jarro de Prata”, Catalina e eu tivemos uma boa conversa e gostaríamos de compartilhá-la com você.

O conto inicia-se com um conflito envolvendo os negócios do Sr. Marshall, ameaçado por um concorrente, que passa a atrair toda sua clientela. Movido pela necessidade de sobrevivência, vê-se obrigado a criar uma solução para recuperar seu público, pensa em uma estratégia sedutora: transformar um simples jarro de vidro em um jarro repleto de moedas de prata. Os clientes que consumissem algo em seu estabelecimento poderiam dar um palpite acerca do valor contido no jarro. Aquele que mais se aproximasse do valor levaria toda a quantia consigo na véspera de Natal.

De acordo com Hamurabi: “O Senhor Marshall está brincando de Papai Noel – e um Papai Noel bem matreiro”. Por conta de seus problemas financeiros, resolveu apelar para o mágico, para a fantasia, e funcionou: “a magia por trás do jarro moveu toda Wachata County.” O próprio Sr. Marshall não compreendia como havia gerado tanta transformação em seu negócio através do que, para ele, seria uma simples aposta. Hamurabi esclarece: “Não é pelo motivo que você imagina, ou, em outras palavras, não é avidez. Não. O que encanta é o mistério. O sujeito olha para as moedas todas, e o que ele pensa? Tem tanto? Não, não é assim. Ele pensa: quanto será que tem? E essa é, de fato, uma questão profunda. Entende?”

Eis que nos deparamos com a figura de Appleseed, menino simples e determinado a descobrir o valor contido no jarro. Todos os dias, Appleseed andava quatro horas para chegar ao bar e, na sua imaginação, contava uma por uma as moedas de prata. Hamurabi, maravilhado com a convicção do menino, quis saber de onde vinha tanta certeza de que poderia fazer o que a todos parecia impossível. Appleseed respondeu: “Basta nascer empelicado. Foi o que uma senhora me disse na Louisiana. Ela era uma bruxa e me amava. Quando minha mãe não

quis me dar para ela, ela pôs um feitiço na minha mãe, que agora pesa só trinta e quatro quilos”.

Feitas as apostas, aproximava-se o dia da festa de véspera de Natal, dia em que seria anunciado o grande vencedor. Hamurabi, ao pensar na tristeza do garoto, ficou indignado: “não quero ver o rosto daquele garoto. É Natal, e eu quero muita alegria. E alegria é o que não vou ter com uma coisa dessas na consciência. Ora, eu nem conseguiria dormir”, disse ele ao Sr. Marshall. Aquelas palavras envolveram de luz a consciência do velho comerciante, impulsionando-o a agir eticamente: o Código de Hamurabi foi adotado.

Como você disse, Ana, as palavras e atitudes criam uma realidade. A realidade torna-se, portanto, uma teia de ações que se desencadeiam ganhando vida própria.

A dupla, Sr. Marshall e Hamurabi, é essencial para o desfecho da história. No início, a ideia do Sr. Marshall de criar o jarro de prata foi uma estratégia de sobrevivência para seus negócios, entretanto, sem ter consciência da potência de seus atos, Marshall, ao brincar de Papai Noel, despertou o encanto de Appleseed, que via naquele jarro uma oportunidade real para a realização de um sonho. Hamurabi, por sua vez, sendo dotado de um intenso senso de justiça, influenciou Marshall a tornar-se Papai Noel daquele garoto.

Ler esse conto nos fez pensar sobre a importância de manter acesa a chama da magia, pois se Hamurabi conseguiu despertar o Papai Noel do Senhor Marshall, até então um homem focado apenas em seus negócios, e conseguiu preservar a crença de Appleseed do quanto ele era especial, ele também pode preservar a nossa.

Este conto mostra que todos nós podemos ser Papai Noel se temos amigos que se guiam por um código de ética e jovens que acreditam que podem contar as moedas de um jarro de prata.

*Catalina (diretora e fundadora do
Programa Círculos de Leitura) e
Helena (estudante de Direito e amiga do
Programa Círculos de Leitura)*

Jundiaí, 24 de novembro de 2015

Olá Catalina e Aline,

Ah esse conto! Continuei pensando nas reflexões que me enviaram e com as quais, a princípio, concordei. Mas a questão da ética ficou martelando na minha cabeça.

Se realmente o Sr. Marshall “preparou” o resultado ele não foi ético, já que favoreceu um em detrimento de todos os outros, não é? Foi humanitário, bom, generoso, foi o Papai Noel de Apple-

seed, mas ético não. Nem justo, se levarmos em consideração todos os outros clientes. E aí?

Beijos,

Ana

São Paulo, 24 de novembro de 2015

Oi, Catalina,

Interessantíssima a questão levantada pela Ana! Não me sinto apta a respondê-la, mas fiquei com vontade de palpitar.

O que vou dizer tem mais a ver com o que eu sinto do que com o que eu sei, ou seja, menos teórico do que empírico. Isso porque, se eu me apegar ao conceito estabelecido de ética, não terei como concordar com a ação do comerciante. Mas eu concordo com o que ele supostamente fez e acho (achismo total) que ele foi mais ético e justo do que se tivesse seguido os preceitos conceituais dessas palavras em estado de dicionário, sabe? Isso porque é difícil pensar em aplicar uma mesma sentença para réus em condições totalmente desiguais. Essa aplicação,



para mim, já nasce de uma injustiça.

Ali, o que parecia estar em jogo era um sonho, única possibilidade daquele menino e sua família continuarem acreditando que a vida podia também ser para eles. Tudo lhes foi tirado. O dinheiro talvez fosse importante... para deixar os dentes da irmã bonitos. Mas não obstante a necessidade, acredito que o que menos importava era o valor material, embora aquelas crianças fossem de fato materialmente muito carentes.

Para ser sincera, desconfio um pouco da abstração conceitual e, embora tenhamos ainda muito medo do relativismo, acredito mais quando ele é explícito do que travestido por palavras que denotam precisão incondicional.

Sim, eu sei que isso não foi uma resposta, mas – quem sabe – um início de conversa... Ah, e voltando à interessante história do Hamurabi, comentada pela Miriam, ele é quem escreveu as leis – e as leis, salvo engano, surgem descritivas e só depois passam à prescrição. Quem sabe aí não possamos ter um convite a uma nova concepção do que seja ser ético e justo...

Seguimos conversando.

Um abraço,

*Márcia (professora, coordenadora de escola e amiga do
Programa Círculos de Leitura)*

São Paulo, 24 de novembro de 2015

Ana,

O conto termina com o sobrinho do Sr. Marshall intrigado e perguntando para a irmã como Appleseed tinha descoberto o número exato de moedas que havia no jarro. Ele suplicou e disse a ela: “(...) como em nome de Deus, ele sabia que eram exatos setenta e sete dólares e 35 centavos?”

Middy muito tranquilamente fala que Appleseed tinha contado, ele sabia contar, e que ele tinha rezado um pouco, mas que também ele era empelicado, era especial.

Como ele conseguiu, acabou sendo um mistério, mas o que ficou de concreto é que essa história continua sendo contada pelo Sr. Marshall todos os anos na leitura da Bíblia, na época do Natal.

A história deixa em aberto se foi um milagre, e que milagre foi esse.

No meu trabalho com professores, escuto muitos dizerem que às vezes dão nota maior ao aluno do que ele realmente tirou, porque sentem que eles se esforçaram, e querem com isso estimulá-los. E não vemos nada de desonesto nisso, muito pelo contrário.

Abraço,

Catalina

São Paulo, 25 de novembro de 2015

Querida Ana,

Estou adorando esse diálogo, penso que ele é muito necessário por tratar da ética, justiça, fé e generosidade.

Capote, ao narrar que Marshall passou o dia inteiro amarrando uma fita no jarro, deixa um mistério no ar. Uma frase do conto é importante: “Esse garoto tem uma fé comovente, disse Hamurabi. É bonito de ver... Esperança desse tipo é uma coisa cruel de se dar a uma pessoa, e fico muito chateado de ter participado disso.” Na história, um simples jarro de vidro se transformou em um objeto mágico, e essa história vai continuar a ser contada, recontada, para nos fazer pensar e nos aproximar uns dos outros de uma outra forma.

Vamos seguir conversando, Abraço,

*Catalina e Lindemberg (engenheiro e alumni
do Programa Círculos de Leitura)*



São Paulo, 25 de novembro de 2015

Querida Ana,

Em suas palavras, “a física quântica afirma e a neurolinguística confirma que as palavras e atitudes criam a realidade”: o sentir é mágico, o poder das palavras, nascido em tempos primevos, afluiu no tempo presente. O menino conseguiu fazer os adultos voltarem ao estágio inicial, ao tempo mítico dos nossos ancestrais, quando tudo era possível. Essa história narra o poder do mito: Será verdade? Será que aconteceu como foi contada? O simples acreditar, a crença de que a história aconteceu de verdade, as palavras, as atitudes e as histórias criaram, de fato, a realidade.

Sr. Marshall, velho comerciante, inicia o conto brincando com o mágico por meio de uma estratégia de vendas, sem sequer imaginar que, no Natal, se tornaria, de fato, um Papai Noel. Foi com a ajuda de Hamurabi que Marshall compreendeu que toda aquela mobilização não se tratava apenas de uma aposta para adivinhar a quantidade de dinheiro que havia no jarro, pois, dentre o grande número de apostadores, havia Appleseed, menino empelicado, carregado de certezas de seu espírito merecedor.

Foi somente Appleseed que vislumbrou algo além da possibilidade de uma aposta (arriscar), estava ele carregado da necessidade do “saber” a quantidade de moedas que havia no jarro. Aqui, o “saber” adquire a dimensão das coisas profundas e menos evidentes, muito além de arriscar um palpite ou contar com a própria sorte no êxito de uma resposta, o saber passa a ser uma procura valorosamente conquistada. Compenetrado na procura desse “saber”, Appleseed aproxima-se da intimidade das coisas, enxergando-as com empatia, o seu olhar é conduzido ao alcance da dimensão das coisas não visíveis, que só se revelam frente a um olhar atento, cuidadoso e sensível. Alcançada essa dimensão, o sonho realiza-se, os mistérios se revelam e somos capazes de nos aproximarmos de nós mesmos. Esse sentimento também foi vivenciado pelo Sr. Marshall, quando passou o dia enfeitando, lustrando o jarro, atando e reatando a fita verde, como um rito de preparação

para a noite do sorteio.

Appleseed nasceu empelcado, foi amado pela bruxa e pela mãe, e, no Natal, encontrou o amor paterno distribuído nas figuras de Sr. Marshall e Hamurabi. Diante da confiança tecida pela dupla (Hamurabi e Marshall), percorreu, antes de qualquer coisa, um único caminho, o de “ser” amado. Quem sente que foi amado pela mãe, encontra amor do mundo. Somente por ter sido amado, conseguiria dar um destino nobre ao prêmio que almejava ganhar, dando para sua irmã dentes perfeitos.

Quem venceu essa aposta foi o tempo mítico, um tempo anterior a tudo, em que as coisas carecem menos de explicações, porque são vencidas por crenças ancestrais, não escritas pelos homens, mas que terão sempre o poder de encantar, transformar e premiar os que acreditam verdadeiramente com o coração.

O comerciante, procurando resolver uma questão financeira prática, criou uma estratégia para salvar seu negócio decadente, que ele passa a contar em todas as comemorações de Natal dali para frente. Essa história ganha vida própria e se torna um mito, no qual ele é um dos protagonistas.

“Foi assim, Glauco, que o mito se salvou e pode lhe salvar se você lhe der crédito”. (Platão, A República).

Um abraço,

*Cláudia Casimiro (advogada, psicóloga e amiga do Programa
Círculos de Leitura), Catalina e Aline (advogada e alumni do
Programa Círculos de Leitura)*



São Paulo, 3 de dezembro de 2015

Queridos amigos,

A leitura do conto “O Jarro de Prata” nos conduziu até a Grécia Antiga, onde encontramos Antígona. Ela irá nos ajudar a entender o sentimento que moveu os amigos Marshall e Hamurabi, presentes no conto citado.

Hamurabi, além de personagem em “O Jarro de Prata” também foi um rei da Babilônia entre os anos 1792 e 1750 a.C. No entanto, é interessante pensarmos que isso não ocorreu por acaso. Talvez a intenção do autor tenha sido justamente nos levar ao tempo do rei Hamurabi para repensarmos as leis. Hoje em dia, com o conhecimento que os clássicos nos oferecem, temos uma consciência diferente da que o ser humano já teve e sabemos que as relações humanas são muito mais profundas e justas.

E para aqueles que leram o conto “O Jarro de Prata” junto com nossas cartas fica o convite para nos acompanhar na leitura de Antígona.

Catalina e equipe

São Paulo, 9 de dezembro de 2015

Querida Catalina,

Após fazer a leitura do conto “O Jarro de Prata” e do conjunto de cartas que você me enviou, também me arrisco a fazer algumas observações.

O narrador nos conta o que presenciou na infância, quando trabalhava no pequeno comércio do seu tio. Faz um relato de suas memórias, exatamente como vivenciou os acontecimentos, sem emitir qualquer julgamento de valor.



Nesse relato, Hamurabi e Appleaseed são os dois personagens que predominam. O egípcio Hamurabi, que fazia as vezes de dentista na comunidade, era o melhor amigo do Sr. Marshall e permanecia boa parte do tempo no pequeno comércio. O seu nome estabelece uma relação direta com o rei Hamurabi da Babilônia, responsável pelas leis contidas no código que recebeu seu nome. No conto, Hamurabi é o responsável por despertar no Sr. Marshall um novo olhar, uma outra conduta, um outro comportamento, que poderíamos até chamar de “código” da alteridade. A sua ação e palavras sobre Appleaseed nos apresentam o outro, isto é, revelam o outro, quem é o outro, onde está o outro, o que posso fazer pelo outro, como o outro me modifica e como eu posso modificar o outro.

Essas palavras têm grande importância no desenrolar das ações que acontecem no conto. Assim, antes de Appleaseed e sua irmã surgirem na história, Hamurabi explica que todos aqueles que apostavam 25 centavos não o faziam pelo ganho, mas sim pela sua participação no mistério. Hamurabi, sem se dar conta, pois essa não era a sua intenção, tenha talvez permitido ao Sr. Marshall agir como Papai Noel, sem deixar de ser ético, pois o único dos apostadores que realmente precisava das moedas de prata era o menino Appleaseed, os outros apenas desejavam participar do mistério, assim como nós que estamos lendo e dialogando sobre o conto.

Abraço,

*Antonio Gouveia (professor de matemática e amigo do
Programa Círculos de Leitura)*

São Paulo, 9 de dezembro de 2015

Querido Antonio,

O que você escreveu sobre o “Código de Alteridade” resume a ideia principal da história: a nossa responsabilidade perante o outro ser humano que está perto de nós, com seus sonhos, suas esperanças e suas crenças. O conto leva à reflexão do quanto a nossa atitude é importante na vida do outro.

Começamos nosso diálogo com o Código de Hamurabi e você, Antonio, recuperou para nós o código mais importante, o da Alteridade. Pois é no olhar do outro que descobrimos quem somos. E sem nos dar conta, chegamos até Emmanuel Levinas², que tanto escreveu sobre o tema.

E sabendo como os bons encontros nos potencializam, quem irá duvidar que na loteria promovida pelo Sr. Marshall todos saíram ganhando?

Assim como ocorreu com o Sr. Marshall, que todos os anos era convocado a contar essa história na época de Natal, algo semelhante aconteceu conosco que temos lido, pensado, escrito e continuado a compartilhar sempre esta história.

Obrigada pela preciosa contribuição. Um abraço,

Catalina e Cidinha (professora de Língua Portuguesa)

² Emmanuel Lévinas, filósofo francês, escreveu sobre o tema do encontro humano. É no face a face humano que emerge a nossa essência. Diante do outro, a pessoa se conecta com o infinito.

São Paulo, 18 de novembro de 2021

Querida Catalina,

“O Jarro de Prata” é um dos contos mais extraordinários de Natal de Truman Capote. Vários deles são inesquecíveis, mas esse, em especial, é rico em conteúdos profundos e significativos.

A história se passa numa pequena cidade do interior dos Estados Unidos, na década de 40 do século passado, num pequeno estabelecimento, a drugstore Valhalla, do Sr. Marshall, um cidadão respeitado na comunidade. O nome da loja já causa estranhamento, principalmente levando em conta um lugar pacato e conservador como o interior americano. Na mitologia nórdica, Valhalla é o Salão dos Mortos, para onde vão “os escolhidos” pelo deus Odin após morte heroica em combate. Pela escolha do nome supõe-se que esse lugar é frequentado por pessoas especiais. Um de seus principais frequentadores é Hamurabi, um egípcio, cujo nome também é incomum, e que, na história da Antiguidade, designava um rei sumério responsável pelo primeiro código escrito, baseado na lei de Talião, que representa uma dura retaliação ao crime praticado.

Para se livrar de uma concorrência inesperada bem na época do Natal, quando as vendas costumam aumentar, o Sr. Marshall cria um concurso em que, mediante uma compra de 25 centavos, a pessoa pode apostar qual a soma de dinheiro na forma de moedas está contida num jarro de prata. Mais uma vez um elemento simbólico, o jarro de prata, que possui um significado bíblico no Salmo 66,10 (“Um vaso cheio de brilho diante dos olhos do Senhor”), trazendo mais um elemento transcendente em meio a situações prosaicas e cotidianas.

Um garoto franzino e muito pobre, estranho na cidade, com um nome sugestivo, Appleseed (sementes de maçã), acompanhado de sua irmã, resolve participar da aposta. Demonstrando muita autoconfiança, ele está seguro da vitória, e se justifica no fato de que uma bruxa o chamara de “empelicado”. Appleseed se considerava muito amado, pois sua mãe recusou dá-lo para a bruxa, que o amava também.

Todos os dias o garoto ia ao Valhalla, sentava-se diante do jarro e

olhava fixamente para ele, tentando decifrar quantas moedas ele continha. O Sr. Marshall simpatizava muito com ele e Hamurabi se comovia com a ingenuidade do garoto, ao mesmo tempo em que se indignava com a aposta e a provável desilusão que traria ao menino cheio de esperança.

O autor descreve a atmosfera de Natal que envolveu toda a cidade, com o inverno mais rigoroso dos últimos tempos, trazendo neve e acentuando o clima natalino. A revelação do enigma do jarro seria o evento mais esperado por todos e coroaria os festejos desse ano.

No dia da revelação, uma multidão se aglomerou no Valhalla, ansiosa pelo resultado. Hamurabi, com seu senso de justiça, declarou que não participaria da festa para não ver a decepção de Appleseed. Mas acabou ficando e, por fim, assistiu surpreso, como todos os presentes, a vitória do garoto, que chorou copiosamente diante de sua sorte. A vitória do menino alegrou, como nunca antes, a pacata cidade e foi vista como um milagre de Natal. O fato transformou-se na lenda de Appleseed e o Sr. Marshall passou a contá-la todos os anos na igreja por ocasião das festividades natalinas.

As referências mitológicas do texto servem de moldura para o caráter lendário que o autor quis emprestar ao conto. O mito é um relato fantástico acerca de tempos heroicos, que guardam um fundo de verdade e falam de aspectos gerais da condição humana. Muitos são os aspectos humanos profundos que aparecem no conto. E é muito interessante como os participantes do círculo apreenderam esses aspectos.

A coragem que nosso pequeno herói Appleseed demonstrou ao encarar a empreitada, mesmo sem dinheiro e a despeito do ceticismo de muitos, é a qualidade dos heróis mitológicos na luta contra os monstros das lendas. A autoconfiança do garoto, sua fé, mobilizou toda a comunidade em torno do acontecimento e o transformou num herói diante de todos.

Nesse sentido, a fé fez o milagre, como diria Dostoiévski, segundo a lembrança de Débora. Para esse autor, não é o milagre que traz a fé, mas a fé que faz o milagre. Uma narrativa mítica tem como fim trazer princípios gerais da condição humana e o autor demonstrou isso nesse conto com o herói Appleseed e com o sábio Sr. Marshall, que fez o pa-

pel de um deus mitológico, ao criar a disputa com seu jarro. A aposta, que aparentemente contava com o elemento sorte, tinha o componente do mistério, que atraiu a atenção da cidade e do nosso pequeno herói.

O aspecto franzino de Appleseed traz a grandeza dos pequenos heróis, a sua espontaneidade, sua generosidade para com a irmã, sua ingenuidade, sua fé em si mesmo, o que lembrou Davi, na Bíblia, ou João Grilo, de Suassuna. Os heróis do cotidiano, pequenos, simples e corajosos, cuja grandeza encontra-se na ousadia ingênua, que a vida ainda não degradou, e que permanece como lenda, para marcar cada um de nós.

Abraços,

Eliane (amiga dos Círculos de Leitura)

São Paulo, 20 de novembro de 2021

Querida Eliane,

É muito interessante como essa história se transforma em lenda. Gostei de saber das referências míticas que você apresentou. O Sr. Marshall estava diante de um problema e como ele não sabia como avançar, resolveu voltar para trás, recorrendo a esse tempo mítico. A intenção dele era salvar o negócio, mas ao inventar a história do Jarro de Prata ele criou o clima propício de evocação da lenda. A aparição de Appleseed, com toda sua coragem, perseverança e resiliência, e a postura de Hamurabi, que desde o início alertou que aquele gesto apelava para o mágico e não queria ver o desapontamento da criança que estava tão envolvida naquela situação, também atuaram na transformação de Sr. Marshall. Na estrutura mitológica criada, ele encarna o espírito do Natal e ajuda Appleseed, o herói da história.

Sr. Marshall reconta a história todos os anos porque acredita no mi-

lagre que aconteceu ao desempenhar o papel de Papai Noel. Ele era um negociante muito respeitado na cidade e não é cínico ao recontar o episódio, porque realmente acredita na história. Talvez ele tenha até esquecido de sua atuação que favoreceu Appleaseed, já que permitiu que o espírito do Natal agisse em seu lugar. Penso que, por esse motivo, a discussão sobre se foi ou não ética a atitude do Senhor Marshall fica no plano das leis humanas, enquanto o que ocorreu naquela noite mágica de Natal está, como diz Sófocles em “Antígona”, no plano das leis não escritas, das leis divinas. É como se a força do mito evocado superasse as dúvidas sobre se foi mentira ou trapaça. Inclusive, Capote finaliza o conto com a pergunta: “Mas, se não foi isso que aconteceu, por que mentir?”

Essa história virou um mito que se repete. Como escreve Octavio Paz: “Música e mito ‘requerem uma dimensão temporal para se manifestar’(...) o mito se repete, se reengendra, é tempo que volta sobre si mesmo – o que passou está passando agora e voltará a passar – e a música ‘imobiliza o tempo que transcorre..., de modo que ao escutá-la acessamos um tipo de imortalidade”³.

Que possamos seguir contando a história de Appleaseed nos próximos Natais, espalhando para mais pessoas a importância do resgate do mágico.

Abraços,

Madu (coordenadora do Programa Círculos de Leitura)

3 PAZ, Octavio. *Claude Lévi-Strauss ou o Novo Festim de Esopo*. São Paulo: *Perspectiva*, 1977. p. 56.

Prezada Catalina,

A intenção que transcrevo aqui, modestamente, é apenas uma pequena derivação da já bastante completa e bem contextualizada análise feita pela Débora. Gosto de pensar que a drugstore chamada de Valhalla, nome nórdico, nos remete e transformar-se-á ao longo do conto em um local especial, de forma metafórica um santuário ou panteão, onde os elementos da cidade (e a curiosidade de suas almas), sem notarem, irão procurar a resposta a um enigma ou mistério criado habilmente pelo seu proprietário no intuito de manter a continuidade do seu negócio em um primeiro momento.

Nota-se que, no desenrolar da história, a estratégia do evento que era uma tentativa de atrair pessoas em torno de uma aposta da quantificação do número de moedas de jarro, acaba indo em direção a uma bela demonstração de crença no bem e sua consequência nobre, com uma desejosa convicção a ser realizada. O autor nos permite, também, visualizar as intenções de diversas pessoas caso ganhassem a aposta, fazendo uma distinção evidente dos sentimentos envolvidos de cada um naquele acontecimento.

O personagem Hamurabi me parece os olhos de uma justiça divina durante todo o conto, mostrando claramente suas emoções ao acompanhar o desenvolvimento dos eventos na história. Suas satisfações e insatisfações nos levam a pensar que aquilo que ele representa, uma justiça divina, permanece atenta durante todo o tempo, do início ao fim, como um guardião das convicções de um desejo a ser atendido.

Eis que temos Appleseed, elemento que dá sentido a todo contexto criado. No meu entender, o nome “semente de maçã” foi escolhido representando o AMOR. Gosto de pensar que este AMOR estava escondido na cidade, talvez esquecido, já que o próprio conto nos diz que ninguém até aquele momento lembrava de ter visto aquele garoto franzino e sua irmã pela cidade antes. Middy, irmã de Appleseed, representa o objetivo para o qual o Amor vai trabalhar, vai se esforçar para que uma convicção bela e nobre se estabeleça.

Na continuidade do texto no conto, vemos que a convicção forte que o AMOR (Appleseed) representa vai sendo comunicado por ele mesmo e contagia todos, em especial Hamurabi (justiça divina), o qual confessa que sua satisfação só poderia ser completa se o AMOR fosse o vencedor da disputa, acreditando nas convicções mais nobres e distintas de Appleseed.

Notadamente, as frequentes idas de Appleseed (Amor) até o Valhalla (Santuário), na tentativa de contar as moedas e acertar as apostas, representa as fortes, intensas e constantes ações motivadas pelas convicções embutidas no ato de AMAR. É delicioso sentir que Hamurabi (Justiça Divina) torcia também cada dia mais fervorosamente para a vitória do AMOR. A convicção de Appleseed sempre foi comunicada aos outros por ele mesmo, ao dizer que quando nasceu estava empelcado e que ele seria especial. Reza esta crença popular que os empelcados são repletos de sorte e será de sua natureza fazer o bem.

Para mim, em outras palavras, é o próprio AMOR dizendo que pode fazer escolhas acertadas que preenchem o coração (sorte) realizados através de atitudes com boa índole (natureza de fazer o bem). Este é um resumo das intenções do AMOR no conto, já que o produto de sua sorte seria a satisfação do desejo de arrumar os dentes de sua irmã. Interessante notar, e não menos embutido neste contexto, como o Amor, representado por um menino de apenas 8 anos chamado Appleseed, com fortes convicções e desejos, nos faz refletir sobre crianças que NÃO ACEITAM DESTINOS FECHADOS. A questão das suas escolhas para modificar seu presente, o quanto isso é motivante, esplendoroso, digno... e porque não dizer MÁGICO...

E por fim, um porquê de nós, adultos, termos tantas dificuldades, às vezes, de perceber que a questão do desejo, da convicção e da escolha de nosso destino permanece tão difícil – será a falta da perda da essência (seed) do AMOR, talvez? Adoção de Crenças Limitantes? Bem, é um tema a ser desenvolvido posteriormente...

Finalizando: com o resultado das apostas revelado no final do conto, vimos que a intenção do autor de mostrar que o AMOR e suas convicções, diante de escolhas, pode sagrar-se vitorioso porque é imbuído de intenções da natureza do bem; mostra ainda que o espírito natalino

é uma época que deve ser revestida por este sentimento. A divulgação nos anos seguintes, por Marshall, de um acontecimento que tem todas as nuances da magia de uma bela lenda nos faz pensar que o AMOR deve ser sempre divulgado, apreciado e, igualmente em qualquer época, será atual, fascinante e libertador. O conto é isso.

Abraços,

Nilton (amigo dos Círculos de Leitura)

São Paulo, 22 de novembro de 2021

Eliane, Madu e Nilton,

O senhor Marshall era um homem como todos nós, queria salvar seu negócio. Se não fosse a chegada de Appleseed, as pessoas teriam apenas feito suas apostas e nada de extraordinário teria acontecido.

Appleseed era um estranho na cidade, muito diferente das pessoas que frequentavam aquele lugar, e sua atitude despertou a paixão do senhor Hamurabi, que achava que ele não regulava muito bem a cabeça. Só depois de um tempo conseguiu perceber a dimensão da fé daquele rapaz e começou a ficar seriamente preocupado.

A presença e atitude do menino mobilizaram as pessoas daquele lugar. Ele era muito diferente, tinha convicção, sabia que era especial, que era muito amado. Ele não brincava de adivinhar e levava muito a sério a tarefa de contar as moedas, não podia perder aquela oportunidade de ganhar o dinheiro para poder ajudar sua irmã.

O senhor Marshall ouvia as preocupações de seu amigo Hamurabi sobre o que estava certo ou errado, mas, na véspera de Natal, deixou que seu sobrinho e amigo cuidasse dos preparativos para a festa. Ele ficou só, “retirou o jarro do balcão de mármore, lustrou-o e o acomodou sobre uma mesa posicionada num ponto privilegiado... sentou numa

cadeira e passou um bom tempo atando e reatando uma fita adesiva verde em torno do jarro”.

Foi o tempo que o senhor Marshall passou contemplando o jarro com as moedas de prata que o fez sentir a intensidade daquele objeto que, naquele momento, se tornou mágico e que na Bíblia (Salmo 66,10) é descrito como “um vaso cheio de brilho diante dos olhos do Senhor”.

Sem se dar conta, o senhor Marshall deixou que o espírito de Natal o guiasse, orientando para onde aquele objeto mágico deveria ir.

Abraços,

Catalina



*As histórias de
Natal sempre
se repetem*

Essas histórias nos lembraram da magia ancestral que o Natal carrega e da importância de cultivar o mágico na infância, assim como fizeram o pai de Virgínia e o editor do jornal The Sun.

Virgínia, uma menina de oito anos, perguntou ao pai se o Papai Noel existia, e este sugeriu que ela escrevesse uma carta perguntando ao The Sun, confiante que o jornal daria uma resposta sábia à sua filha. Foi exatamente isso que aconteceu. O editor do jornal respondeu com uma linda carta que continuou sendo republicada durante muitos anos.

Carta ao editorial do The Sun, 1897¹

É com enorme prazer que respondemos à carta abaixo, aproveitando para expressar nossa enorme gratidão em reconhecer sua autora como leal amiga do The Sun.

Querido editor,

Tenho 8 anos. Uns amiguinhos meus dizem que Papai Noel não existe. Meu pai costuma falar: “Se estiver no The Sun, então será verdade”. Por favor, me diga a verdade: Papai Noel existe?

Virgínia O’Hanlon

“Virgínia, seus amiguinhos estão errados. Provavelmente foram afetados pela descrença de uma época em que as pessoas acreditam em poucas coisas. Só acreditam naquilo que veem. Elas acham que o

¹ USHER, Shaun. *Cartas extraordinárias: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

que não compreendem com suas cabecinhas não pode existir. Todas as mentes, Virgínia, sejam as dos adultos ou das crianças, são limitadas. Neste nosso grande Universo, o homem é um mero inseto, uma formiguinha, quando seu intelecto é comparado com o infinito que o cerca ou quando medido pela inteligência capaz de entender toda a verdade e conhecimento.

Sim, Virgínia, Papai Noel existe! Isso é tão certo quanto a existência do amor, da generosidade e da devoção e você sabe que tudo isso existe em abundância, trazendo mais beleza e alegria à nossa vida. Ah! Como seria triste o mundo sem Papai Noel! Seria tão triste quanto não existir Virgínias. Não haveria então a fé das crianças, a poesia e a fantasia para fazer a nossa existência suportável. Não teríamos alegria nem prazer, a não ser com os nossos sentidos: seria preciso ver e tocar para poder sonhar. A transparente luz das crianças, com a qual inundam o mundo, seria apagada.

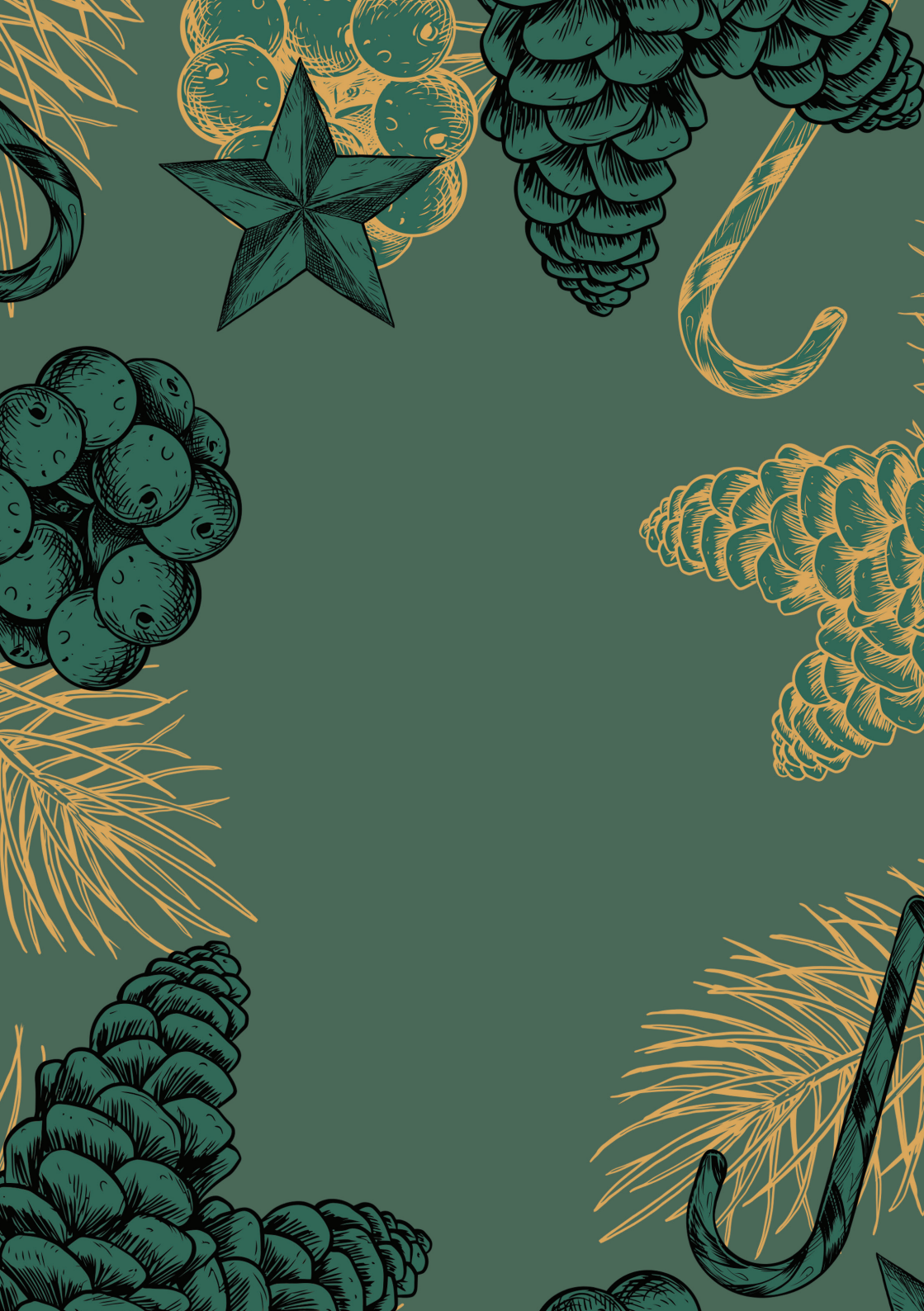
Não acreditar em Papai Noel!... É o mesmo que não acreditar em fadas!

Você poderia pedir ao seu pai para contratar muitos homens para vigiar todas as chaminés na véspera de Natal e assim pegar Papai Noel; mas, mesmo que você não o visse descendo por elas, o que isso provaria? Ninguém vê o Papai Noel, mas não há sinais de que ele não exista.

Você por acaso já viu fadas dançando no jardim? Claro que não, mas não há provas de que elas não estejam por lá. Ninguém pode conceber ou imaginar todas as maravilhas do mundo que nunca foram vistas e que nunca poderão ser admiradas. As coisas mais reais são aquelas que nem as crianças nem os adultos podem ver.

Se quebramos o chocalho de um bebezinho, poderemos ver o que faz aquele barulho lá dentro, mas existe um véu cobrindo o mundo invisível que nem o homem mais forte, nem mesmo toda a força de todos os homens mais fortes do mundo reunida poderia rasgar. Somente a fé, a poesia, o amor e a fantasia podem abrir essa cortina e desvendar a beleza e a glória celestiais que existem por detrás dela. Será que tudo isso é real? Ah, Virgínia, em todo esse mundo não existe nada mais real e duradouro.

Se existe Papai Noel? Graças a Deus ele vive e viverá para sempre. Daqui a mil anos, Virgínia, e ainda daqui a dez mil anos ou dez vezes esse número, ele continuará a fazer feliz o coração das crianças.”





*Para onde nos
levam essas histórias?*

Desde sempre esses contos natalinos vêm nos inspirando muitas memórias, associações, pensamentos e descobertas. Truman Capote nos ajuda a experimentar o Natal de outra forma, convidando-nos a encarnar Papai Noel hoje e a fazer fluir a veia da generosidade que percorre desde sempre o corpo da humanidade.

Inspirada nessas histórias de Natal, Catalina escreveu um texto rememorando sua infância. No relato dela, fica claro o empenho da mãe em comprar o presente do Papai Noel. Mesmo sem dinheiro, ela foi à loja e o vendedor entendeu que as crianças não poderiam ficar sem o presente do Papai Noel, ela podia levar o que quisesse, confiando que ela pagaria depois.

Escrever sobre algo precioso

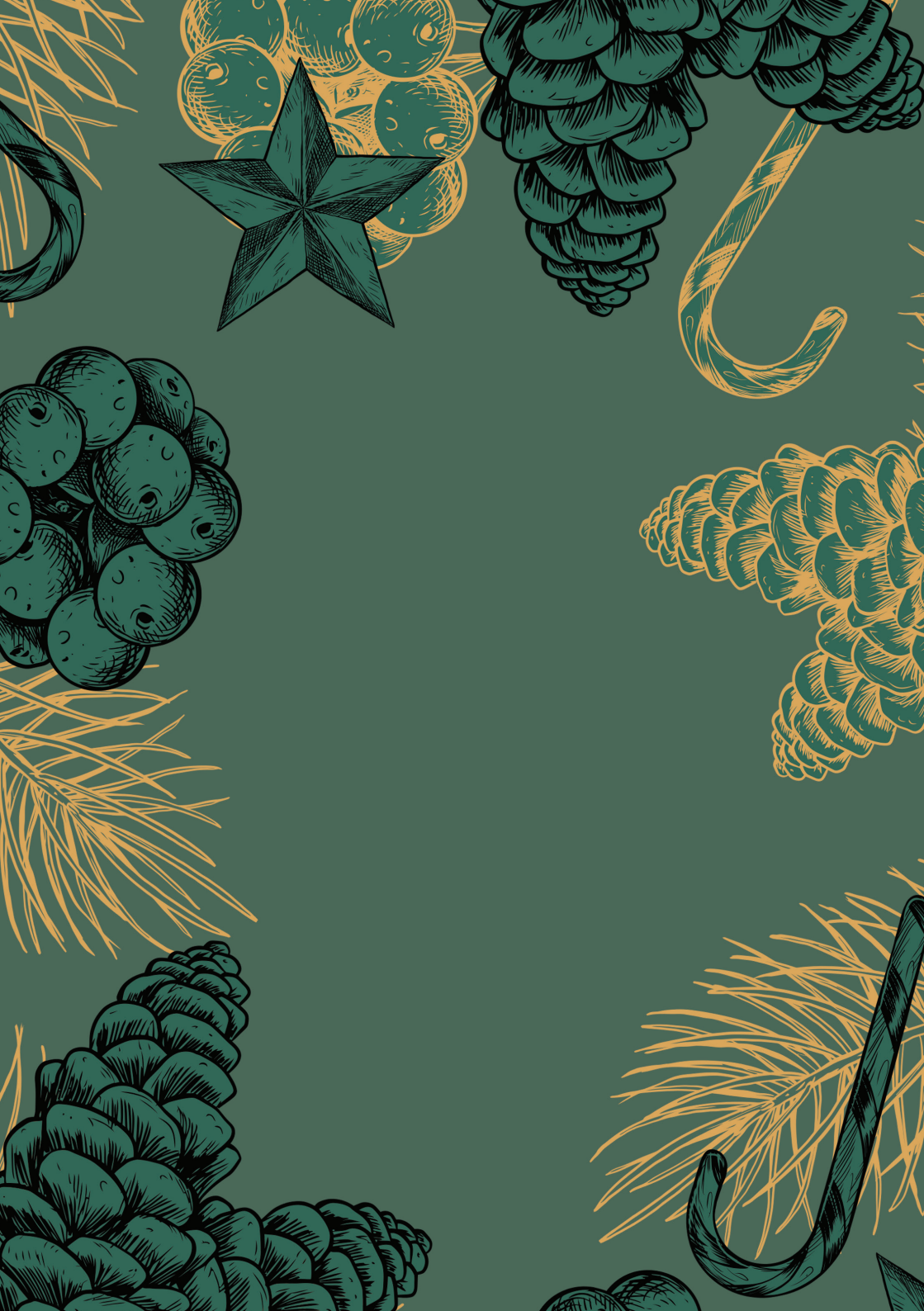
Depois de buscar fora e dentro de mim algo que fosse precioso, o que foi se impondo foi a lembrança da minha mãe e a sua forma de ser. Lembro-me como se fosse hoje quando, muito assustada, falei para ela que minha irmã havia me contado que os Reis Magos não existiam, que, na verdade, eram homens fantasiados; e eram os pais que compravam os presentes. Eu disse para minha mãe que isso era impossível, porque até os professores sempre perguntavam: o que você pediu aos Reis Magos? Era impossível que não fossem de verdade, se todos acreditavam.

Embora a minha mãe achasse triste que eu tivesse descoberto tão cedo, agora que a minha irmã havia me contado ela tinha que dizer a verdade e a verdade era que eles realmente não existiam. Era uma tradição que vinha sendo perpetuada desde muito tempo. Eu insisti que não era possível que não

existissem, porque a lapiseira que eles tinham me deixado não existia nesse mundo, era diferente e muito mais bonita. E minha mãe me contou que foi ela quem havia comprado e que inclusive teve que comprar fiado, porque nosso pai não acreditava nessas histórias fantasiosas e não tinha lhe dado dinheiro.

Como eu não me convencida dessa realidade, minha mãe me levou na loja onde ela havia comprado a lapiseira e, para meu espanto, lá estava ela perdida e misturada no meio de tantas outras coisas que, para mim, eram sem importância. O que essa história representa hoje para mim é o crédito que minha mãe inspirava, ela sabia comprar fiado, confiava na magia da infância, e essa lembrança é o que há de mais precioso.

Catalina Pagés





*Cartas a um
jovem poeta*

Concluindo nossa correspondência, trazemos uma carta especial que nos chega de 1903. Ela foi escrita por Rainer Maria Rilke a um jovem escritor com quem ele manteve uma longa e generosa amizade. Nesta parte do diálogo, Rilke convida seu jovem amigo a viver o Natal como um tempo propício para o recomeço de uma vida com propósito.

Roma, 23 de dezembro de 1903

Meu caro senhor Kappus,

Não quero deixar de o saudar nesta quadra do Natal em que, em plena festa, a sua solidão lhe deve parecer mais dura do que em qualquer outro momento. Se assim for, regozije-se. Ora pense: que seria uma solidão que não fosse uma grande solidão? A solidão é uma e, por essência, grande, pesada e difícil de suportar. Quase todos conhecem horas que trocariam de boa vontade pela mais banal e medíocre das convivências, pela aparência do menor acordo com qualquer ser, por mais indigno. Mas talvez essas horas sejam precisamente aquelas em que a solidão se amplifica – e o seu crescimento é doloroso como o das crianças e triste como a ante Primavera. Mas não se importe. Uma só coisa é necessária: a solidão, a grande solidão interior. Caminhar em si próprio e, durante horas, não encontrar ninguém – é a isto que é preciso chegar. Estar só – como a criança está só quando as pessoas crescidas se agitam, ocupadas com coisas que lhe parecem grandes e

importantes pelo simples fato de preocuparem os adultos e ela nada compreender do que estes fazem.

No dia em que percebemos que essas preocupações são áridas e mesquinhas, essas ocupações sem relação real com a vida, como não continuar a considerá-las uma coisa estranha, tal como a criança do âmagô do seu mundo, do fundo da sua grande solidão, que é, afinal, trabalho, aprendizagem, conhecimento? Para quê substituir o sensato “não compreender” da criança por luta e desprezo, se não compreender é aceitar a solidão – se lutar e desprezar são duas formas de tomar parte nas próprias coisas que desejamos ignorar?

Aplique, caro senhor, os seus pensamentos ao mundo que traz dentro de si e dê o nome que entender a esses pensamentos. Mas, quer se trate de recordações da sua infância ou da necessidade apaixonada de se realizar, concentre-se sobre tudo o que germinar em si, dando-lhe a primazia sobre tudo o que observar à sua volta. Os seus “acontecimentos” interiores merecem todo o seu amor. Deve, por assim dizer, trabalhar para eles, sem perder demasiado tempo nem demasiada força a esclarecer as suas relações com os outros. Quem lhe diz, aliás, que o faz por si e para si? A sua profissão, eu sei, é dura e difícil. Já previa as suas queixas. Agora que vieram, apenas posso aconselhá-lo a perguntar a si próprio se não serão assim todas as profissões – cheias de exigências, hostis e como que embebidas do ódio de todos aqueles que se encontraram mal-humorados e sem argumentos em face do simples dever. A condição a que tem atualmente de adaptar-se não está mais carregada de erros e de preconceitos do que qualquer outra. Se algumas condições dão a impressão de melhor salvaguardarem a liberdade, nenhuma tem as dimensões necessárias às grandes coisas de que a verdadeira vida é feita. Mas o “homem de solidão” é ele próprio uma coisa submetida às profundas leis da vida. E quando um desses homens ergue o olhar, de madrugada ou ao cair da noite – essa hora cheia de realizações – e sente o que se está consumando, esse homem despoja-se de qualquer condição, como se estivesse para morrer, se bem que só então entre na verdadeira vida. Quanto aos seus contratemplos de oficial, caro senhor Kappus, creia que teria conhecido outros semelhantes em qualquer outra profissão. E mesmo que, longe de qualquer profissão, ti-

vesse procurado criar, entre si e a sociedade, relações maleáveis e livres, tal sentimento de opressão não lhe teria sido poupado. É sempre assim, mas não é razão para inquietações ou tristezas. Se não houver comunicação entre si e os homens, experimente aproximar-se das coisas, que lhe serão sempre fiéis. Há ainda noites, há ainda ventos que agitam as árvores e correm sobre a terra. No mundo das coisas e dos animais tudo está cheio de acontecimentos a que pode associar-se. As crianças continuam a ser como a criança que em tempos foi: tristes e felizes.

E, se pensar na sua infância, sentir-se-á reviver entre elas, entre as crianças secretas. Os adultos não são nada, a sua dignidade não corresponde a nada. Se, por já não poder acreditar em Deus, se sentir atormentado e angustiado ao evocar tudo o que havia de simples e de secreto na sua infância, em que Deus se encontrava a cada passo, pergunte a si próprio, meu caro senhor, se realmente O perdeu ou se não será mais verdadeiro pensar que nunca O possuiu. Quando, com efeito, poderia tê-lo possuído? Julga, acaso, que pode caber nos braços de uma criança, Ele que o homem adulto suporta com tanto esforço, Ele cujo peso esmaga os velhos? Julga que aquele que uma vez O possuiu pode perdê-lo como se perde um seixo, uma pedra? Não acha mais justo pensar que aquele que possui Deus apenas se arrisca a ser perdido por Ele? Mas se reconhecer que Deus não esteve presente na sua infância, nem mesmo existiu antes de si, se pressentir que Cristo foi iludido pelo seu amor como Maomé pelo seu orgulho, se experimentar, com terror e no próprio momento em que falamos d'Ele, o sentimento de que Deus não existe, como poderá Ele faltar-lhe se nunca existiu e para que procurá-lo como se O tivesse perdido?

Porque não pensar antes que Deus é Aquele que há de vir, que através da eternidade há de vir, o futuro, o fruto magnífico de uma árvore de que somos as folhas? Que é que o impede de projetar a Sua vinda no futuro e de viver a sua vida como um dos belos e dolorosos dias de uma sublime prenhez? Não vê que tudo o que acontece é sempre um princípio, um começo? E este princípio não será o Seu próprio princípio? Há tanta beleza em tudo o que começa! Sendo Deus a perfeição, não acha que deve ser precedido de realizações menores para que possa tirar a sua substância da plenitude e da abundância? Não acha que deve vir

após tudo – para tudo conter?

Que sentido teriam as nossas dúvidas, as nossas interrogações, se Aquele que procuramos pertencesse já ao passado?

À maneira das abelhas, construímo-lo com o mais doce de cada coisa. Se tem origem no amor, a coisa mais ínfima, menos aparente, contribui para este resultado. Começamo-lo neste trabalho e nesse repouso que o continua, nesse breve impulso de alegria interior. Começamo-lo em tudo o que realizamos sós, sem a assistência, sem a adesão dos outros. Não O conheceremos na nossa existência como os nossos antepassados não nos conheceram na deles. E contudo, esses seres do passado vivem em nós, no fundo das nossas tendências, no latejar do nosso sangue, e pesam no nosso destino. Que poderia, pois, privar-nos da esperança de sermos um dia nele para além de todos os limites?

Festeje o Natal, caro senhor Kappus, neste piedoso sentimento. Quem sabe se, para poder começar em si, Deus não teria necessidade da sua angústia perante a vida? Estes dias amargos são talvez aqueles em que tudo em si trabalha para Ele. Ofegante, já para Ele trabalhou em criança. Seja paciente e de boa vontade. O menos que podemos fazer é não Lhe resistir mais do que a Terra resiste à Primavera quando esta chega... Seja alegre e tenha confiança.

Seu,

Rainer Maria Rilke

São Paulo, 25 de novembro de 2021

Caro Rilke,

Na sua carta vemos o empenho em confortar o jovem Kappus, por sentir que ele está amargurado e desiludido com a chegada do Natal. O jovem poeta na verdade está desencantado com sua profissão e profundamente sozinho, pela falta de contato consigo mesmo e pela difi-

culdade de conviver com as pessoas ao seu redor.

Neste momento, você, que sabe a importância das boas lembranças, nos traz uma mensagem clara: não se pode perder algo que nunca se teve. Se há pessoas que não acreditam na magia do Natal é porque nunca tiveram uma vivência que as conectasse de verdade à alegria natalina.

Kappus alega não conseguir acreditar em Deus, e pensa ter sido enganado como aqueles que ainda acreditam. Justamente por não conseguir estar em contato consigo mesmo, Kappus não encontra em si as ressonâncias do tempo ancestral. Mas gostamos da sua firmeza ao sugerir ao jovem, de forma tão positiva, que é sempre possível criar uma conexão com o divino. Ainda há tempo para a criação de lembranças felizes.

Como você diz em sua carta, “(...) não é motivo para medo ou tristeza; se não há nenhuma comunhão entre os homens e o senhor, procure estar próximo das coisas, que não o abandonarão; ainda lhe restam as noites e os ventos que passam pelas árvores e sobre muitas terras; entre as coisas e os animais, tudo ainda é pleno de acontecimentos em que se pode tomar parte”

No lugar do olhar pessimista e das lamentações, você propõe que Kappus encare o amanhã como um presente e um sinal de boas novas. É sempre possível criar novos começos, e por que não ser o começo? Quando entendemos o futuro como um processo de germinação, nos sentimos mais tranquilos e seguros para construir este amanhã.

Na carta, você aponta para a possibilidade de uma conexão com nossa força interior. Embora possa parecer uma tarefa árdua, sua proposta é simples: através de nosso trabalho. Assim como as abelhas, podemos nos colocar em ação no mundo, por nós, e também pelos outros. As abelhas extraem o que há de mais rico na flor, e juntas fazem o mel. Cada abelha faz sua parte em prol da colmeia, embora o trabalho individual de cada uma possa parecer simples, quando juntam suas forças, elas têm o poder de fazer algo tão puro e doce como o mel. Rilke, você sabia que era difícil para o jovem Kappus se relacionar com os outros, e trouxe o exemplo feliz das abelhas que primeiro fazem o trabalho sozinhas, mas vão ao encontro do trabalho das outras abelhas. Aos poucos, quando encontramos no trabalho um propósi-

to, nossa obra vai se ampliando, alcança novas proporções, e sentimos essa energia divina crescer dentro de nós.

Lendo suas cartas nos sentimos muito próximos de você, Rilke. Em nome dos jovens, agradecemos essas palavras que você nos deixou de presente. Vamos colocar em prática o seu desejo de construir uma sociedade que, apoiada na ancestralidade, não é refém das convenções do tempo presente.

Com carinho,

Equipe dos Círculos de Leitura

O Instituto Fernand Braudel

O Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial é um think tank e um do tank, fundado em 1987 com a missão de buscar formas de superar os problemas institucionais que inibem o desenvolvimento no Brasil. Sua atuação se dá por meio de pesquisas, seminários e ações sociais. Com nosso nome, homenageamos Fernand Braudel (1902-1985), grande historiador francês e um dos fundadores da Universidade de São Paulo; seu trabalho celebra o poder do mercado como força no desenvolvimento humano.

Realizamos pesquisas e debates públicos sobre gestão e políticas públicas, crises financeiras, comércio, energia e instituições democráticas. Desenvolvemos ações que contribuem para o avanço da sociedade em: educação, saúde, segurança pública, na formação de consensos sobre responsabilidade fiscal e estabilidade monetária e na focalização das prioridades nos investimentos em infraestrutura. Nossas pesquisas concentram-se na publicação do Braudel Papers, jornal de pesquisa e opinião editado em português, inglês e espanhol. A Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) generosamente se associa à nossa missão.

O Programa Círculos de Leitura

Desde o ano 2000, o Programa Círculos de Leitura do Instituto Braudel, em parceria com as redes públicas onde atua, promove o desenvolvimento integral dos alunos através da leitura e da escrita com jovens do Ensino Fundamental II e Médio. A discussão de grandes obras da literatura brasileira e mundial, em grupo e em voz alta, estimula o desenvolvimento de diversas competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como empatia, cooperação, argumentação, comunicação e autoconhecimento, ampliando o repertório cultural dos jovens.

O Programa incentiva o protagonismo juvenil, pois são os jovens multiplicadores formados na metodologia dos Círculos de Leitura que conduzem os grupos em suas escolas. Estes alunos formam novos multiplicadores entre seus pares, assegurando a continuidade do Programa nas escolas.

Referências bibliográficas

CAPOTE, Truman. 20 contos de Truman Capote. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DASKAL, Lolly. Thoughts Spoken From The Heart. Lead from Within Publishing, 2013.

MANN, Thomas. José e seus irmãos. Trad. Agenor Soares de Moura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

PAZ, Octavio. Claude Lévi-Strauss ou o Novo Festim de Esopo. São Paulo: Perspectiva, 1977.

RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem Poeta. Trad. Fernanda de Castro). Lisboa: Portugália Editora.

A literatura e a escrita são nossa herança em comum. Esse livro é um convite para nos aproximarmos, estamos a sua espera.
Escreva para nós: *circulosdeleitura@braudel.org.br*

Site do
Instituto Braudel



Instagram do
Círculos de Leitura



Nosso Padlet





Programa
CÍRCULOS DE LEITURA
INSTITUTO FERNAND BRAUDEL
DE ECONOMIA MUNDIAL

INSTITUTO BRAUDEL
ASSOCIADO À FAAP

A think tank, and a do tank

Parceiros



Instituto Vicky
e Joseph Safra



Apoio Institucional

Realização

Patrocínios



VOTORANTIM



VULCABRAS



StoneX™



SPLICE

DoalPlastic®
CONEXÕES PARA SANEAMENTO

Natural
ULTRAX

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

Rua Ceará 2, São Paulo - SP CEP 01243-010

Tel.: 11 3824-9633 E-mail: ifbe@braudel.org.br

Instagram: [@circulosdeleituraoficial](https://www.instagram.com/circulosdeleituraoficial)

<https://www.site.braudel.org.br/>